

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

LICENCIATURA EM FILOSOFIA

Júlio César Pedroso Escouto

Histórias em Quadrinhos como Linguagem Pedagógica
para o Aprendizado da Filosofia

Porto Alegre

2016

Júlio César Pedroso Escouto

Histórias em Quadrinhos como Linguagem Pedagógica
para o Aprendizado da Filosofia

Trabalho de conclusão de curso,
apresentado como requisito parcial para
obtenção do diploma de Licenciado em
Filosofia, concedido pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Sartori Porto

Porto Alegre

2016

Ao meu filho Igor
Com todo o meu Amor.

SUMÁRIO

1. Introdução	3
2. Capítulo teórico	4
3. Análise do estágio	9
4. Conclusão	24
5. Bibliografia	25
6. Anexos	27

1.Introdução

A obrigatoriedade da disciplina de filosofia esteve ausente das escolas por muitos anos. Em 7 de agosto de 2006 o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou o parecer CNE/CEB 38/2006. Com esse parecer a disciplina de filosofia passava novamente a compor o grupo de disciplinas obrigatórias no currículo do Ensino Médio. De lá para cá, muito já se falou sobre o ensino de filosofia, mas entendo que a principal causa de sucesso ou não do ensino da filosofia passa diretamente pela preocupação do professor na melhor forma, didática, de facilitar o entendimento da mesma por parte dos alunos. Por entender assim acredito que uma ferramenta muito importante para alcançar esse objetivo é o uso de Histórias em Quadrinhos como Linguagem Pedagógica para o Aprendizado da Filosofia.

Cabe ao professor, ao definir suas práticas pedagógicas, preocupar-se com metodologias, recursos e estratégias que, articulados com as atividades em sala de aula tornem possível o crescente processo de aprendizagem dos alunos. Outro aspecto importante é que:

[...] o professor deve compreender e aprender que sua didática faz parte de um todo, base teórica, ações práticas, visão crítica e política, organização e planejamento, etc., e que essas dimensões devem caminhar juntas, pois a caracterizam e visam um significado real ao seu corpo, norteando seu trabalho. (BARABEL, 2007,p. 14).

Nesse sentido, o ensino está centralizado no aluno e cabe ao professor, em suas capacidades de instruir, comunicar conhecimentos, guiar, orientar, etc.

“O ensino é uma ação deliberada e organizada. Ensinar é a atividade pela qual o professor, através de métodos adequados, orienta a aprendizagem dos alunos” (HAYDT, 2008, p.12).

Também compete ao professor a definição de uma metodologia a ser usada.

[...] a metodologia compreende o estudo de métodos, é o conjunto dos procedimentos de investigação das diferentes ciências quanto aos seus fundamentos e validade, distinguindo das técnicas que são a aplicação específicas dos métodos. A metodologia pode ser geral (ex., métodos tradicionais, métodos ativos, métodos da descoberta, método de solução de problemas etc.) ou específica, seja a que se refere aos procedimentos de ensino e estudo das disciplinas do currículo (alfabetização, matemática, história etc.), seja a que se refere a setores da educação escolar ou extra escolar. (educação de adultos, educação especial, educação sindical etc.) (LIBÂNEO, 1994, p. 53).

2. Embasamento Teórico do uso das Histórias em Quadrinhos na Educação

As Histórias em quadrinhos como didática

As HQs são utilizadas em várias disciplinas do currículo.

[...] “Podemos encontrar nos quadrinhos elementos bastante úteis que podem ser utilizados na prática educativa, assim percebe-se que as HQs podem trabalhar concomitante com as várias disciplinas, tornando facilitadores no processo de ensino e aprendizagem”. (ARAÚJO, COSTA e COSTA, 2008).

Infelizmente, apesar do aumento do número de pesquisas e estudos acadêmicos envolvendo o tema, ainda há um preconceito forte com o gênero.

“Desconhecimento, senso comum, ou preconceito, são alguns dos motivos para grande parcela da opinião popular associar histórias em quadrinhos (HQs) - os gibis brasileiros - à cultura de massa e a artefato de conteúdo infantil destinado especificamente às crianças, sem nenhuma finalidade educacional. Em contrapartida inúmeros livros, artigos e publicações acadêmicas, de maneira gradativa, têm tratado este assunto com maior seriedade. [...]” (Teixeira e Archanjo, 2011, Pg. 45).

Sobre cuidados que o professor deve ter no uso das HQs, Araújo nos fala:

[...] “não existem regras para a sua utilização no âmbito educativo, mas é preciso ter um pouco de conhecimento e criatividade por parte do professor para uma melhor aplicação deste instrumento educativo na sala de aula, sem falar que a seleção do material é de inteira responsabilidade sua. O docente deve ter um planejamento, conhecimento e desenvolvimento de seu trabalho nas atividades que utilizarem as histórias em quadrinhos, independente da disciplina ministrada e, buscar estabelecer objetivos que sejam adequados às necessidades e as características do corpo discente da sala de aula, visto que isto é fundamental para a capacidade de compreensão dos alunos e de conhecimento do conteúdo aplicado” [...] (ARAÚJO, COSTA e COSTA, 2008, p.33).

Atualmente, é perceptível uma mudança de posicionamento com relação aos quadrinhos, através do reconhecimento e da inserção deste gênero na LDB – Lei de Diretrizes e Bases – da educação, no PNBE – Programa Nacional Biblioteca na Escola (apud VERGUEIRO e RAMOS, 2009) – e nos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais.

Nos PCNs, as histórias em quadrinhos encontram-se inseridas nos gêneros discursivos “adequados para o trabalho com a linguagem escrita” (2000, p.128) e são vistas como fontes históricas e de/para pesquisas sociológicas, caracterizadas como dispositivos visuais gráficos que veiculam e discutem aspectos da realidade social, apresentando-a de forma crítica e com muito humor. Não há recomendação oficial no PCN para uso de HQ na filosofia.

Já no PNBE 2009 (apud VERGUEIRO e RAMOS, 2009), as HQs repassadas às escolas, são adaptações do gênero literatura e direcionadas não apenas para o ensino fundamental, mas também para o nível médio.

A história em quadrinhos é um gênero de literatura, ao mesmo tempo, icônica e verbal, que contém uma arte de narrativa em imagem acessível mesmo a pessoas que não sabem ler. Seu

público abrange tanto crianças como adolescentes e adultos de diferentes níveis socioeconômicos e educacionais. Os quadrinhos abrangem a invenção de uma história, seu tratamento, sua estruturação e sua organização em vinhetas, a invenção dos diálogos, a caracterização física e moral dos personagens e outros fatores que divertem os alunos e mantêm seu interesse ao ponto de trabalharem sozinhos. A história em quadrinhos permite utilizar diversos recursos, como textos, figuras, onomatopeias, sons, imagens, possibilitando ao autor e ao leitor usufruir desses recursos.

O professor pode enriquecer o trabalho de leitura e escrita de seus alunos, a partir de uma narrativa em quadrinhos. Pode levar os alunos a transformar imagens em textos verbais, por exemplo.

Com relação à leitura dos quadrinhos e sua frequência, cito a pesquisa abaixo:

“Uma pesquisa da Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação (Esamc) feita com 3 mil leitores de quadrinhos de super-herói, em 2001, mostrou que 8,1% deles começaram a ler gibis como parte do processo de alfabetização, 61% preocupam-se com o português das HQs e 51% lêem histórias em outras línguas. Outro dado interessante da pesquisa é que 45,1% dos entrevistados declaram ler de uma a cinco revistas por mês; 26,6% leem de seis a dez gibis mensalmente; 5,1% de 10 a 15 revistas de HQs; e 17,7% leem mais de 15 exemplares mensais (8,1% disseram não atentar para a frequência da leitura). Em um país onde poucos leem e a maioria prefere trocar esse hábito pela TV ou o videogame, um meio que atrai tamanha leitura não deve ser desconsiderado como formador de opinião e cultura e, muito menos, como porta de entrada para outros tipos de literatura e ferramenta potencial para educar”. (CARVALHO, D Jota – A Educação está no GIBI – Ed. Papyrus, 2006, Pg. 38).

Há pesquisas ainda mais amplas e esclarecedoras do que a da Esamc. “Retrato da Escola 2”, realizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) em dez estados do Brasil, também em 2001, comprovou que alunos que leem gibis têm melhor desempenho escolar do que aqueles que usam apenas o livro didático – entre os estudantes da 4ª série da rede pública, a HQ aumenta significativamente a performance do aluno: entre os que acompanham quadrinhos, o percentual das melhores notas nas provas aplicadas foi de 17,1% contra 9,9% entre os que não leem.

É importante notar que os dados das pesquisas mencionadas mostram que a leitura dos quadrinhos, por si só, já ajuda. No entanto como disse Gilberto Freire, os quadrinhos não são bons nem ruins – ainda que haja, obviamente, HQs de boa e má qualidade -, o que é bom ou ruim é o uso que se faz deles. Considerando-se, então, o poder e a atratividade dos quadrinhos entre crianças e adolescentes, e o potencial de ferramenta educadora que ele possui, por que não utilizá-los para o bem da educação? Se um exemplo usado vez por outra aproxima alunos e professores, possibilitando melhor performance, é lógico pensar que a utilização bem planejada dos quadrinhos como ferramenta didática ou atividade multidisciplinar pode causar ainda maior impacto, tanto na aproximação quanto na própria performance (CARVALHO, D Jota – A Educação está no GIBI – Ed. Papyrus, 2006, Pag. 39).

Por que as histórias em quadrinhos auxiliam o ensino?

Existem vários motivos que levam as histórias em quadrinhos a terem um bom desempenho nas escolas, possibilitando resultados muito melhores do que aqueles que se obteriam sem elas. Vejamos alguns deles:

As possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos – A inclusão dos quadrinhos na sala de aula possibilita ao estudante ampliar seu leque de meios de comunicação, incorporando a linguagem gráfica às linguagens oral e escrita, que normalmente utiliza. Devido aos variados recursos da linguagem quadrinhística – como o balão, a

onomatopeia, os diversos planos utilizados pelos desenhistas -, os estudantes têm acesso a outras possibilidades de comunicação que colaboram para seu relacionamento familiar e coletivo (RAMA, Angela - WERGUEIRO, Waldomiro – BARBOSA, Alexandre – RAMOS, Paulo – VILELA, Tulio – Como Usar as Histórias em Quadrinhos na sala de aula – 2014 – Ed. Contexto).

Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura

Conforme a pesquisa “Retrato da Escola 2”, citada anteriormente e realizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), ela comprovou que alunos que leem gibis têm melhor desempenho escolar. Assim, a ampliação da familiaridade com a leitura de histórias em quadrinhos, propiciada por sua aplicação em sala de aula, possibilita que muitos estudantes se abram para os benefícios da leitura, encontrando menor dificuldade para concentrar-se nas leituras com finalidade de estudo (RAMA, Angela - WERGUEIRO, Waldomiro – BARBOSA, Alexandre – RAMOS, Paulo – VILELA, Tulio – Como Usar as Histórias em Quadrinhos na sala de aula – 2014 – Ed. Contexto).

Existe uma variedade de informações nos quadrinhos – As revistas de histórias em quadrinhos versam sobre os mais diferentes temas, sendo facilmente aplicáveis em qualquer área. Cada gênero, mesmo o mais comum (como o de super-heróis, por exemplo) ou cada história em quadrinhos oferece um variado leque de informações passíveis de serem discutidas em sala de aula, dependendo apenas do interesse do professor e dos alunos. Histórias de ficção científica, por exemplo, possibilitam as mais variadas informações no campo da física, tecnologia, engenharia, arquitetura, química, etc., pois elas fazem com que o aluno se interesse pelo conteúdo e o mesmo através da explicação do professor seja mais facilmente assimilado. Por esta variedade de temas que pode ser encontrado nas HQs é que pode ser desenvolvido um trabalho interdisciplinar na escola. (RAMA, Angela - WERGUEIRO, Waldomiro – BARBOSA, Alexandre – RAMOS, Paulo – VILELA, Tulio – Como Usar as Histórias em Quadrinhos na sala de aula – 2014 – Ed. Contexto).

Os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes – as histórias em quadrinhos são escritas em linguagem de fácil entendimento, com muitas expressões que fazem parte do cotidiano dos leitores; ao mesmo tempo, na medida em que tratam de assuntos variados, introduzem sempre palavras novas aos estudantes, cujo vocabulário vai se ampliando quase que de forma despercebida para eles. Essa característica dos quadrinhos atende à necessidade dos estudantes de utilizar um repertório próprio de expressões e valores de comunicação, comuns ao grupo em que se encontram inseridos, não agredindo o seu vocabulário normal da forma como o fazem algumas produções literárias (como os livros clássicos de literatura, por exemplo). Dessa forma, pelos quadrinhos, histórias passadas no Velho Oeste norte-americano possibilitam, por sua aplicação naquele contexto específico, a incorporação ao vocabulário dos estudantes de termos referentes àquele ambiente, tanto no que diz respeito a elementos geográficos como sociais ou tecnológicos (RAMA, Angela - WERGUEIRO, Waldomiro – BARBOSA, Alexandre – RAMOS, Paulo – VILELA, Tulio – Como Usar as Histórias em Quadrinhos na sala de aula – 2014 – Ed. Contexto).

O caráter elíptico da linguagem quadrinhística obriga o leitor a pensar e imaginar – sendo uma narrativa com linguagem fixa, a constituição de uma história em quadrinhos implica na seleção de momentos-chave da história para utilização expressa na narrativa gráfica, deixando-se outros momentos a cargo da imaginação do leitor. Dessa forma, os estudantes, pela leitura de quadrinhos, são constantemente instados a exercitar o seu pensamento, complementando em sua mente os momentos que não foram expressos graficamente, dessa forma desenvolvendo o pensamento lógico. Além disso, as histórias em quadrinhos são especialmente úteis para exercícios de compreensão de leitura e como fontes para estimular os métodos de análise e síntese das mensagens. É o que acontece, por exemplo, quando o professor solicita aos estudantes que passem para a linguagem dos

quadrinhos uma história fornecida somente na linguagem escrita, o que exigirá deles que realizem uma análise detalhada dos fatos narrados e que definam os acontecimentos mais importantes para o desenvolvimento da trama, antes de representá-los graficamente (RAMA, Angela - WERGUEIRO, Waldomiro – BARBOSA, Alexandre – RAMOS, Paulo – VILELA, Tulio – Como Usar as Histórias em Quadrinhos na sala de aula – 2014 – Ed. Contexto).

Os quadrinhos têm um caráter globalizador – por serem veiculadas no mundo inteiro, as revistas de histórias em quadrinhos trazem normalmente temáticas que têm condições de ser compreendidas por qualquer estudante, sem necessidade de um conhecimento anterior específico ou familiaridade com o tema, seja ela devida a antecedentes culturais, étnicos, linguísticos ou sociais. Uma história que se passe na sociedade japonesa pode, de uma maneira geral, ter sua mensagem principal compreendida por leitores de outros países, ainda que características específicas dessa sociedade sejam desconhecidas para eles (estando aí, provavelmente, um dos motivos do sucesso dos quadrinhos japoneses, os mangás, no Ocidente) (RAMA, Angela - WERGUEIRO, Waldomiro – BARBOSA, Alexandre – RAMOS, Paulo – VILELA, Tulio – Como Usar as Histórias em Quadrinhos na sala de aula – 2014 – Ed. Contexto).

Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema – não existe qualquer barreira para o aproveitamento das histórias em quadrinhos nos anos escolares iniciais e tampouco para sua utilização em séries mais avançadas, mesmo em nível universitário. A grande variedade de títulos, temas e histórias existentes permite que qualquer professor possa identificar materiais apropriados para sua classe de alunos, sejam de qualquer nível ou faixa etária, seja qual for o assunto que deseje desenvolver com eles (RAMA, Angela - WERGUEIRO, Waldomiro – BARBOSA, Alexandre – RAMOS, Paulo – VILELA, Tulio – Como Usar as Histórias em Quadrinhos na sala de aula – 2014 – Ed. Contexto).

A utilização das HQs no ensino de filosofia

Conforme as pesquisas apresentadas anteriormente e os motivos pelos quais as HQs auxiliam no ensino, elas podem servir como um bom ponto de partida para a reflexão e compreensão de conceitos abordados em aulas de filosofia nas escolas apreendendo em momentos de entretenimento e lazer.

Cito Darlei Possamai em “O Gênero Histórias em Quadrinhos nas aulas de Filosofia” que fala da experiência de usar as histórias em quadrinhos no ensino de filosofia.

[...]Quando propomos trabalhar o *Mito da Caverna de Platão* em forma de História em Quadrinhos, queremos que aluno e professor tenham formas novas de chegar ao texto clássico, considerado de difícil compreensão e, também, trazer à tona problemas vinculados ao nosso dia-a-dia, que de certa forma, como os acorrentados na caverna, não veem de maneira clara e objetiva, mas só veem as sombras, por isso, se necessário for, questionar, refletir e criticar. (POSSAMAI, 2009, Pg. 9).

As HQs podem ser utilizadas como uma maneira de aproximar o aluno de um texto mais complexo, isto deve-se de além delas terem uma linguagem escrita mais simples também à sua linguagem imagética.

“Dentro do contexto de sala, as HQs podem e devem ser de grande auxílio ao professor para introduzir um texto mais complexo, de maneira especial na disciplina de Filosofia, que é ainda vista por muitos alunos como uma disciplina desnecessária, cansativa e monótona.

Fruto ainda de uma mentalidade resultante de um período ditatorial que procurou valorizar o prático, em detrimento do teórico. Por isso, todos os recursos disponíveis que venham superar esta expectativa negativa do aluno, como a de superação deste tabu criado por uma educação tecnicista se faz necessário.

Cremos e, além do mais, pudemos ver a partir dos dados apresentados, ser de grande importância e interesse dos alunos o uso de HQs não só no uso do ensino de Filosofia mas, também como facilitador de aprendizagem à outras disciplinas.” (POSSAMAI, 2012, Pg. 13).

Nos Estados Unidos, professores de filosofia encontraram nas HQs a maneira de aproximar os estudantes da filosofia.

[...] “Estudos culturais e meios de comunicação abriram o caminho para as universidades integrarem a cultura pop em seu currículo. Nestes dias não é raro encontrar uma classe de estudos de televisão ao lado da literatura do século XVII nas listagens do curso de um departamento de Inglês.

Agora, professores de filosofia estão encontrando nos super-heróis e histórias em quadrinhos ferramentas extremamente úteis para ajudar os estudantes a pensar sobre os complexos debates morais e éticos que têm ocupado os filósofos por séculos.

Além disso, os super-heróis estão atraindo os alunos para uma disciplina muitas vezes percebidas como invadida por livros bolorentos, cotoveleiras de camurça e laços”. (CONNOLLY, 2010, [Teaching Philosophy with Spider-Man](#)).

William Irwin, professor de Filosofia na King's College, na Pensilvânia, edita a Filosofia Blackwell e Série Cultura Pop, que inclui títulos como Batman e Filosofia, e X-Men e Filosofia. Ele diz que não há nada de incomum sobre o uso de referências populares para ilustrar teorias complexas.

“Isso é o que a filosofia tem tentado fazer desde o início”, diz ele. “A filosofia começa com Sócrates nas ruas de Atenas, levando a sua mensagem para as pessoas e falando em sua língua - Analogias agrícolas e mitologia comum”

Através dos séculos, porém, filósofos foram para o meio acadêmico, criando um vocabulário complicado que pode parecer inacessível para a média dos estudantes do primeiro ano da universidade – como a ética “deontológica”, por exemplo.

(CONNOLLY, 2010, [Teaching Philosophy with Spider-Man](#)).

Christopher Robichaud, que ensina ética e filosofia política na Kennedy School of Government e da Universidade Tufts de Harvard diz ter pouca paciência para os críticos que dizem que este trabalho banaliza o estudo tradicional da filosofia.

“O tipo de filosofia que eu faço - filosofia analítica - usa experiências de pensamento todo o tempo”, diz ele. “Se os exemplos que estão chamando de exemplos fictícios de cultura popular, enquanto que está a serviço da boa filosofia, quem se importa? Quem se importa se o exemplo é de Middlemarch ou Watchmen?”

Os professores começam a descobrir nos super-heróis um meio de aproximação da filosofia com os jovens:

Shaun Treat, que leciona na University of North Texas, não é incomodado por qualquer crítica “erudita”. Para ele, a prova está no desempenho dos alunos.

Depois de anos de ensino debates tradicionais, como Hobbes contra Locke, ele diz, “é incrível como cada vez mais os estudantes estão interessados e envolvidos quando você utiliza os super-heróis com a filosofia”. (CONNOLLY, 2010, [Teaching Philosophy with Spider-Man](#)).

3. Análise do estágio

O objetivo é apresentar as atividades desenvolvidas durante o período de regência de classe, no IFRS – Instituto Federal do Rio Grande do Sul e uma análise do mesmo. Aqui estão registradas as condições em que se realizou o estágio, os procedimentos e planejamentos assumidos em sala de aula, bem como um conjunto de reflexões que procuram esclarecer o modo como foram conduzidas as aulas, manifestando também meu modo de compreender a experiência de estágio. Contudo, acredito que a formação do professor certamente não se limita às teorias estudadas em universidade e tampouco encontra suas “diretrizes últimas” a partir das experiências vivenciadas durante a curta experiência do estágio. É um processo contínuo e, como tal, requer um esforço constante de auto-revisão, na medida em que devemos nos questionar constantemente a respeito de nossas práticas e nossos modos de compreender a docência. E, sob essa perspectiva, costumo pensar o estágio como uma, entre tantas oportunidades que surgirão para nos desenvolver como professores. Este portfólio representa, ainda que resumidamente, um momento desse processo de formação. Um momento único para o “aspirante” a professor, que pela primeira vez estabelece com mais clareza a diferença entre o que foi discutido na universidade e a prática docente propriamente dita.

O intuito é abordar uma metodologia específica, o uso de HQs no ensino de filosofia.

Plano geral da análise do estágio

1. Filosofia Moral:

Onde foram usados HQs cujo tema não é filosofia, foi feito isso para utilizar aquilo que os alunos usam como entretenimento uma vez que os filmes dos super-heróis dos quadrinhos estão na moda. Assim é algo que faz parte da realidade dos alunos. Fiz uma comparação entre as características dos super-heróis e teorias morais para tratar as teorias morais de forma lúdica. E a atividade culminou por um lado na criação de super-heróis por parte da turma, tendo por objetivo desenvolver a criatividade deles e instigá-los a perceber características morais da personalidade humana em geral, por outro lado foi realizada uma atividade de criação do código de ética da turma para que eles aplicassem o conhecimento sobre moralidade adquirido, por fim foi feita uma avaliação do conhecimento deles das teorias morais apresentadas em aula.

2. Filosofia Política:

Aqui foram utilizados quadrinhos que reproduzem textos filosóficos. Isto foi feito porque agora já se conquistou os alunos para as aulas através das Hqs anteriores, então foi possível usar a linguagem iconográfica dos quadrinhos com textos mais densos, ou seja, textos filosóficos. Por meio das HQs podemos transformar um texto filosófico em algo mais acessível aos alunos, porque se está usando da ludicidade. Depois se usou textos de filosofia política analisando os argumentos para mostrar que devemos justificar as nossas concepções sobre política.

Dados:**Local: IFRS – Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Porto Alegre****Aulas Observadas Turmas:** ProEja IV Turno: Noite**Aulas Ministradas Turmas:** ProEja IV Turno: Noite**Nº de alunos:** permanência máxima de 19**Tempo de observação:** 4 períodos de 48 min.**Tempo de Aulas Ministradas:** 28 períodos de 48 min.**Tempo Total:** 32 períodos de 48 min.**DESCRIÇÃO DAS AULAS MINISTRADAS****TEMA DA AULA:** Filosofando com os Super-Heróis, o Homem-Aranha e Aristóteles - Ética

Preparei uma aula com slides em powerpoint sobre a filosofia com os super-heróis das Histórias em quadrinhos, escolhi dentre os super-heróis, o Homem Aranha. O Homem Aranha por que este personagem é um jovem como qualquer outro jovem em nosso tempo real e atual, é um jovem que luta contra as tentações humanas comuns, bem como contra os entraves da adolescência. É possível relacionar suas ações e comportamento com a ética de Aristóteles, por ser corajoso e praticar a mediania.

O Homem Aranha é tão popular porque ele passou pelas mesmas necessidades e privações que muitos jovens enfrentam em seu dia a dia, de problemas financeiros às questões morais. Ele aprendeu muito cedo que, “seja qual for o conflito que tivermos dentro de nós, sempre temos uma escolha pois são as nossas escolhas que fazem de nós o que somos e sempre podemos escolher aquilo que é certo”.

Segundo Aristóteles, ao experimentar sentimentos fortes e acontecimentos trágicos, as pessoas conseguiam purificar as próprias emoções. Para Aristóteles, isso fazia com que o ser humano refletisse sobre os problemas centrais da condição humana, como a natureza do destino ou os conflitos entre compaixão e justiça.

O material dos slides encontram-se nos anexos.

TEMA DA AULA: Filosofando com os Super-Heróis, Batman Kantiano - Ética

Preparei uma aula com slides em powerpoint sobre a filosofia com os super-heróis das Histórias em quadrinhos, escolhi dentre os super-heróis, o Batman. Chamam-no de “super-herói”, mas ele não possui nenhum tipo de “super-poder”. Sua história, de mais de 70 anos de existência, atrai cada vez mais pessoas de todas as idades. Uma das razões pela qual Batman atrai tantos fãs é que ele é “apenas” um ser humano. Um homem igual a nós, com a diferença que, além de ser um personagem de ficção, ele dedicou toda a vida a vingar a morte dos pais e de muitas vítimas de crimes. Ele defende Gotham City arriscando constantemente sua própria vida, depois de passar por vários anos de sacrifício treinando o corpo e a mente para atingir o máximo das atitudes/virtudes de que um ser humano é capaz. Embora seja riquíssimo, nega a si mesmo esse luxo e dedica-se ao seu objetivo com empenho mesmo sabendo que nunca o alcançará em plenitude.

Para Kant, devemos agir de tal forma que trates a humanidade, na tua pessoa ou na pessoa de outrem, sempre com um fim e nunca apenas como um meio. Concentrar-nos na crença de Kant, de que a moralidade exige que tratemos as pessoas sempre como um fim e nunca apenas como um meio. Quando Kant afirmou que o valor dos seres humanos está acima de qualquer preço, não tinha em mente apenas um efeito retórico, mas sim um juízo objetivo sobre o lugar dos seres humanos na ordem das coisas. Batman adere a um princípio de não matar que não "permite exceções". Isso soa

muito como o dever kantiano perfeito. Em um mundo ideal, é fácil dizer "Eu não vou matar" ou "Eu não vou mentir", independentemente das circunstâncias, e é admirável uma pessoa que tenta o seu melhor para cumpri-los.

TEMA DA AULA: Trabalho em grupos “Construa seu super-herói” - Ética

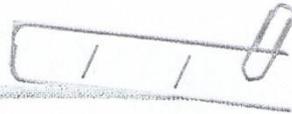
O objetivo desta atividade é desenvolver a criatividade dos alunos e instigá-los a perceber características morais da personalidade humana em geral.

A realização da dinâmica consiste em que os alunos iriam se dividir em grupos e criar seus super-heróis, não copiar de outro já existente, criar um novo super-herói e eles teriam que desenhá-lo em uma folha que forneci, descrever a sua história, como surgiu o super-herói, o que ele defendia, lutava, etc... quais seus poderes especiais e depois iriam descrever na frente da turma o seu super-herói.

Os alunos organizaram-se em grupos e trabalharam maravilhosamente bem, todos dando opinião e colaborando entre si para a criação do super-herói. Chegando mais próximo do final do período falei para começar as apresentações e eles apresentaram ordenadamente explicando com detalhes e um grupo respeitando o outro que estava apresentando, a maioria aceitou muito bem a atividade e trabalharam com vontade, com exceção de uma aluna que se negou a fazer pois acreditava que “não tinha nada a ver” e não gostava de super-heróis, argumentei com ela que ela não precisava acreditar em super-heróis e sim criar um do gosto dela, tentei também argumentar que ela por trabalhar com comunidades carentes e movimentos sem-terra (a aluna é engajada nestes movimentos), ela poderia passar para a turma essa visão e experiência através de sua criação. Mesmo assim ela se recusou e foi embora. Todos os trabalhos dos alunos atingiram o objetivo que era o de utilizar aspectos morais ligados a filosofia de Aristóteles e Kant nos super-heróis criados por eles.

Trabalhos dos Alunos:

Douglas P. Moreira 4



Dyke Speur

Dyke Speur é um Heikoi, que ganhou um dom de ser o homem do gelo.

Sua história começa num acidente que o contou em Atlantida. O nome verdadeiro era Lucas tem uma irmã que tinha um irmão de idade e tinha 16 anos, seus pais eram vivos.

Tudo começou num belo dia foi brincar com sua irmã Lucia na neve, pois abriu uma clatera próximo a sua irmã então viu uma ~~ma~~ moleta pegou e levou até sua irmã jogou Lucia para fora da clatera então caiu no poço fundo e congelado pois viu uma luz no formato de lua, então renasceu o Dyke Speur seu poder era alegrar as crianças Papai Noel e os felizes.

Pois o senhor das sombras queria que as crianças esquecessem do Papai Noel, Coelho da Páscoa, Afada do dente e o senhor das sombras. Pois a Dyke Speur foi escolhido pelo senhor da luz para que as crianças não esquecessem das datas comemorativas e as festas do dente.

Então o senhor das sombras ficou muito bravo e tentou convencer o Dyke Speur que eles não acreditavam nele. Mas com o bom senso que sua família lhe deu ele descobriu quem ele era antes de ser Dyke Speur, é um dos guardiões.

No fim ele conseguiu ajudar as crianças não esquecerem do Papai Noel, a Páscoa do dente, o coelho da Páscoa e o senhor das sombras.



Handwritten text at the top right of the page, possibly a title or date, which is difficult to decipher due to blurriness.



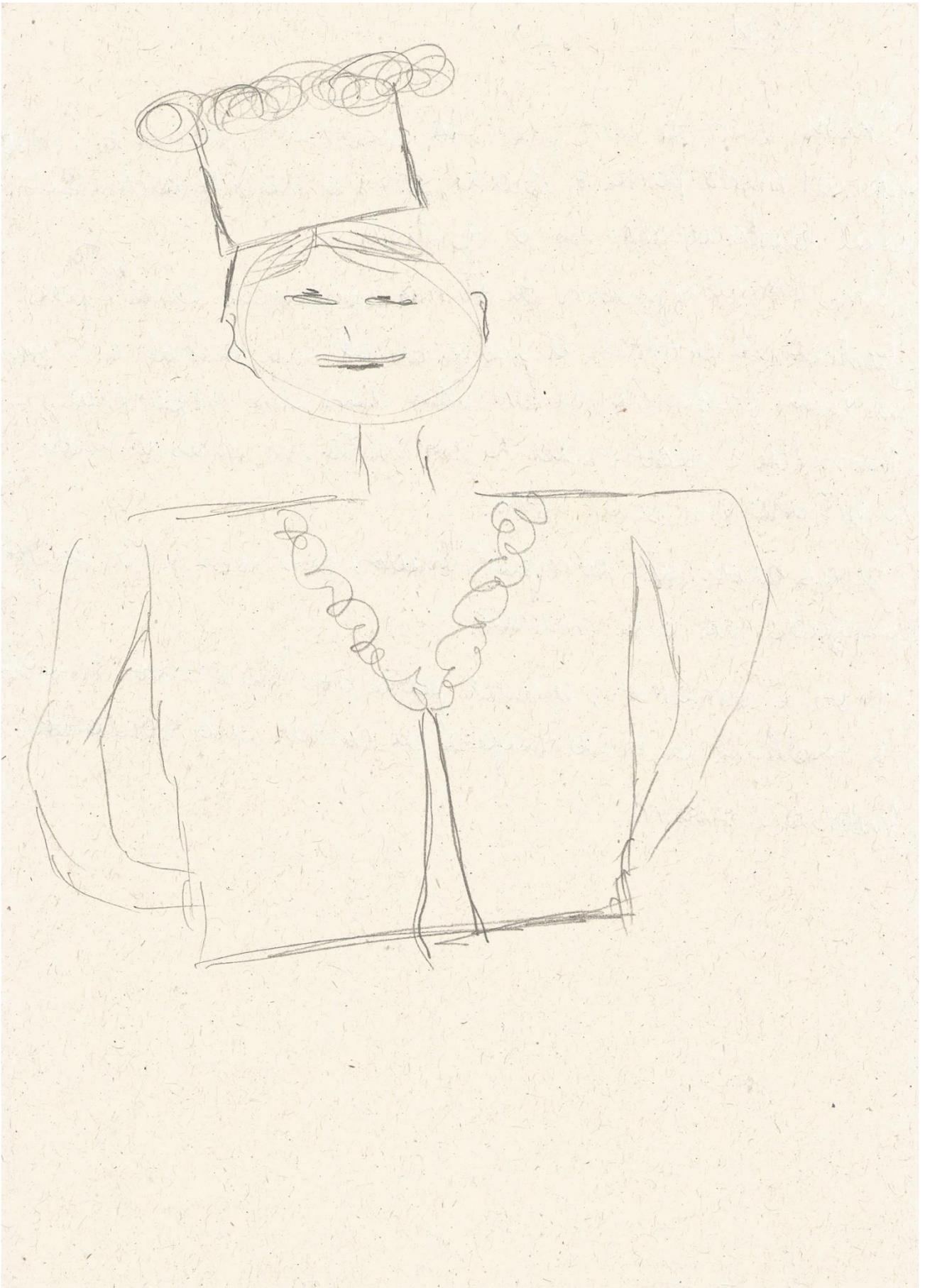
OROM

OROM veio de um planeta superior, para a Terra especialmente para o Brasil, com a habilidade especial de atacar-se a justiça.

Um homem jovem de ótima aparência. Sua ^{ajuda} é pela justiça, ele combate a praga atual que destrói a humanidade, profundo conhecedor das leis, imparcial, humilde e reservado. É convicto em suas atitudes impetuoso em suas ações.

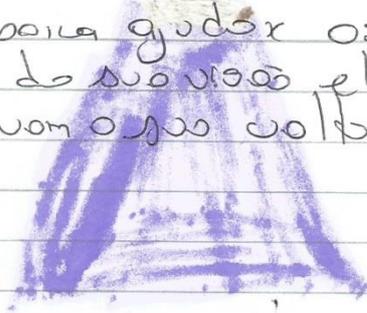
Suas ações são compartilhadas com um seleto grupo encajado na sua missão.

Nos próximos tempos, grande parte dos brasileiros também a História se encarregará de contar sua verdadeira história e origem.



Super mulher

Uma mulher comum batolhada como qualquer outro, mas em determinadas situações de vivência pessoal, doente no hospital foi esquecida e ignorada, por ser pobre e o pressentiu que tinha o poder sensorial nos olhos, percebeu que tudo que ensinava para família, de como outro ser humano e imparável independente da sua classe social não lhe valeu de nada em vida. Com sua morte, e voltando para cuidar os pais seu surgiu através de sua visão e o sentiu nas pessoas que estavam ao seu volta a necessidade de cuidar.



Super Mulher.

//



Com o poder da cura.

Luta pelos princípios.

Nome: Tatiana, Adriano, Sony e Ereni

SUPER BRASIL

O PODER DA
PALAVRA



Nome : Super Brasil

É o herói político que luta contra a corrupção, o surgimento do Super Brasil, foi devido a corrupção do país.

seus pais sofreram demais pela corrupção, então desde pequeno ele presenciou dentro de casa e no seu dia-a-dia... o sofrimento e os comentários de seus pais, juntamente com os noticiários e seu próprio dia-a-dia

com essa ideia ele foi crescendo e percebeu que começou a desenvolver um poder sobre humano de "influenciar" as pessoas. E decidiu usar esse poder contra a corrupção, ao se tornar adulto passou a frequentar o mundo dos políticos, com sua identidade secreta, verdadeiro Brasil.

Nome : Gustavo Rodrigues

Sergio Bueno

Rodrigo Trindade

João Eduardo

TEMA DA AULA: Código de Ética

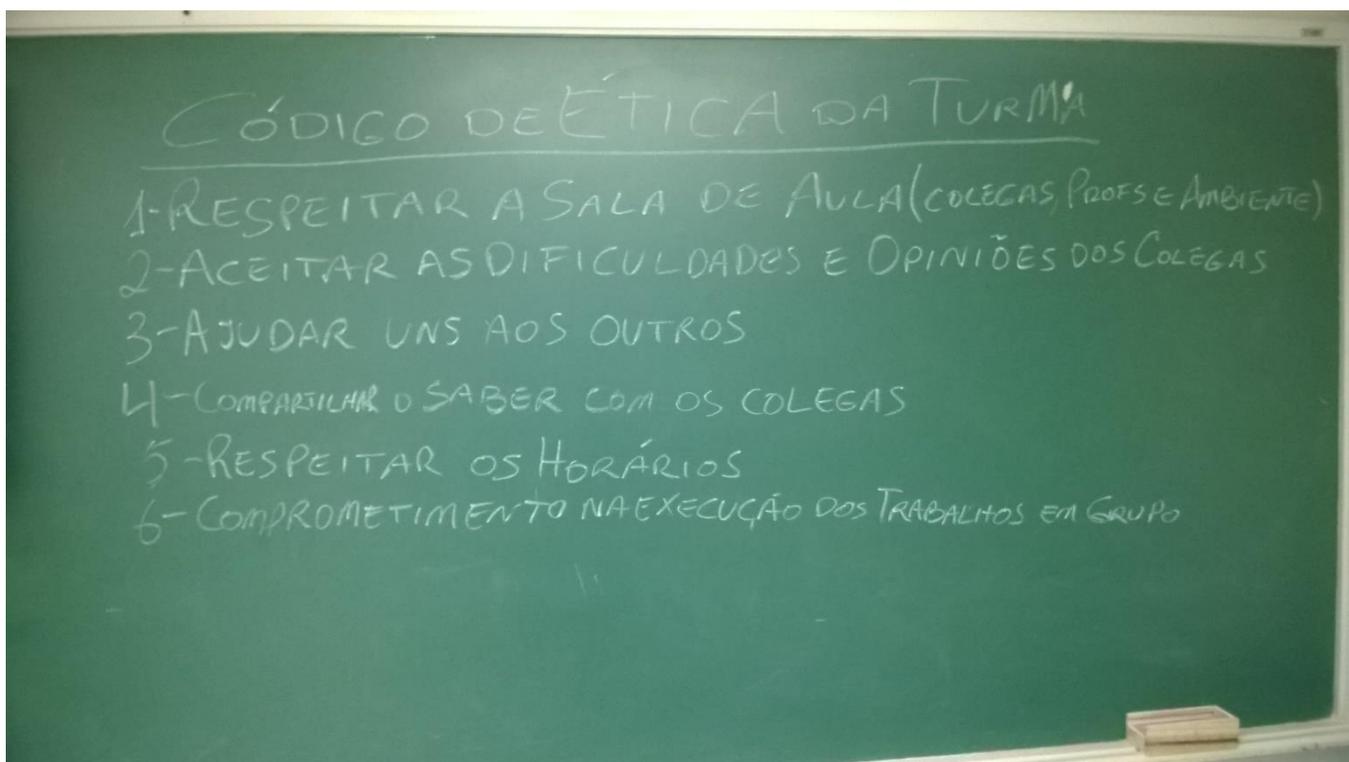
Para esta aula preparei um conteúdo expositivo no quadro sobre Ética em que descrevia a origem etimológica da palavra Ética. Que estava presente em todas as raças e que ela é um conjunto de regras, princípios ou maneira de pensar e expressar. Falei que vários pensadores em diferentes épocas abordaram especificamente assuntos sobre a ÉTICA: Os pré-socráticos, Aristóteles, os Estóicos, os pensadores Cristãos (Patrísticos, escolásticos e nominalistas), Kant, Espinoza, Nietzsche, etc. Falei também que Moral e ética, às vezes, são palavras empregadas como sinônimos: conjunto de princípios ou padrões de conduta. Ética pode também significar Filosofia da Moral, portanto, um pensamento reflexivo sobre os valores e as normas que regem as condutas humanas. Em outro sentido, ética pode referir-se a um conjunto de princípios e normas que um grupo estabelece para seu exercício profissional (por exemplo, os códigos de ética dos médicos, dos advogados, dos psicólogos, etc.).

Com base nisso expliquei mais um pouco e perguntei se tinham entendido, fiz perguntas e esclareci as dúvidas.

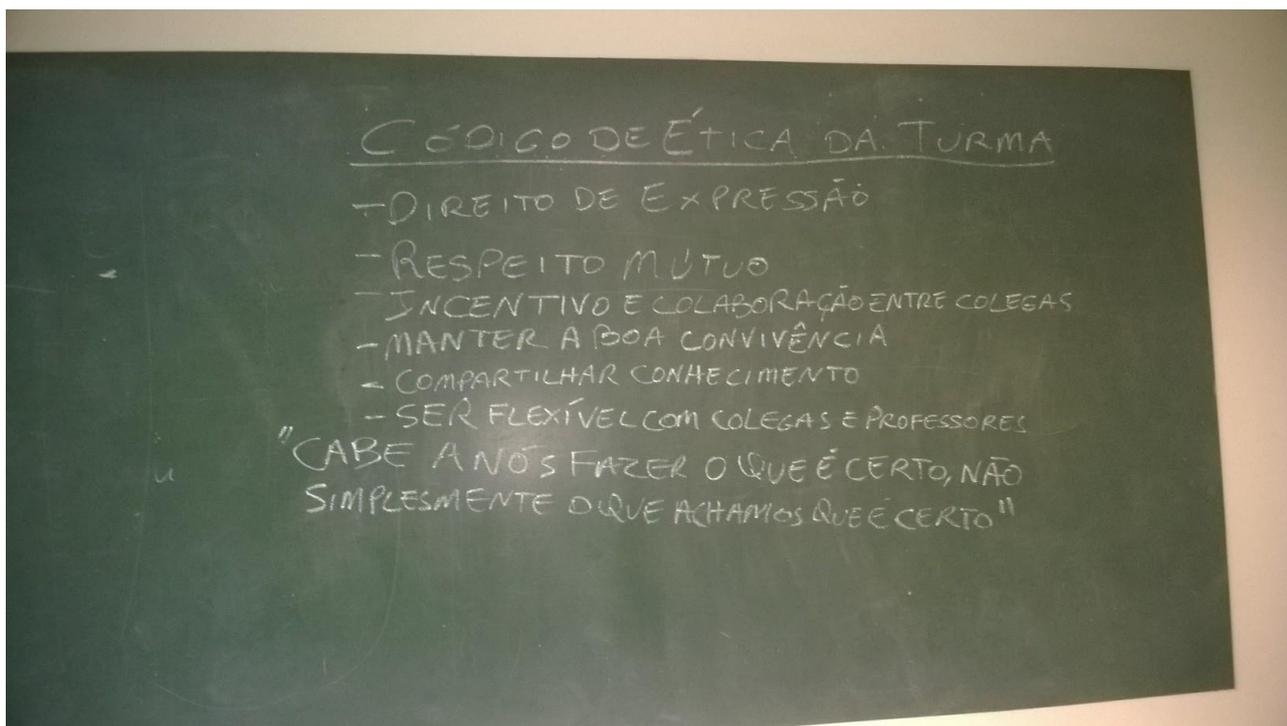
Expliquei a eles então que agora eles iriam se dividir em grupos e listar em uma folha um código de ética para a turma deles, o que eles achavam que deveriam ter de deveres e direitos. Prontamente se reuniram e começaram a discutir e chamavam para esclarecer alguma dúvida. Depois de um tempo em que eu fui acompanhando e vendo o desenvolvimento da lista, perguntei se já estavam com a lista pronta, ao que disseram que sim. Comecei então a pedir para um grupo me dizer um item da lista, eu colocava no quadro e perguntava se os outros concordavam e se achavam o item ético. Logo após pedia para outro grupo dizer um item da sua lista e assim por diante até terminar os itens das listas, deixando um se houvesse item repetido. No final tínhamos o Código de ética da Turma PROEJA IV, disse que eles deveriam anotar ou tirar foto, pois era o Código da turma deles. Todos gostaram e tiraram foto da lista.

Ao final da aula entreguei uma folha para os alunos com o conteúdo sobre Ética e código de ética.

Abaixo segue conteúdo passado e código de ética elaborado pelos alunos, o material entregue encontra-se nos anexos.



Percebe-se pelos itens relacionados e mostrados no quadro que eles conseguiram representar princípios éticos que para eles eram importantes ser seguidos pela turma, como por exemplo o respeito entre eles, para com os professores e inclusive o seu ambiente de estudo, também aceitando as dificuldades e opiniões entre eles, se auto ajudarem compartilhando o que sabem com os colegas, respeitar os horários das aulas e o compromisso mútuo na execução de trabalhos em grupo. Comentar a lista de código de ética da turma se eles conseguiram representar princípios éticos.



Nesta outra turma, é possível notar pelos itens relacionados e mostrados no quadro que eles também conseguiram representar princípios éticos que para eles eram importantes ser seguidos pela turma, como por exemplo o direito que cada um tem de se expressar, o respeito mútuo, a colaboração entre eles, o compartilhamento de conhecimento, o comprometimento em manter a boa convivência inclusive na flexibilidade com colegas e professores. Eles inclusive acharam importante colocar uma frase sobre o agir corretamente que é “Cabe a nós fazer o que é certo, não simplesmente o que achamos que é certo”.

Comentar a lista de código de ética da turma se eles conseguiram representar princípios éticos.

TEMA DA AULA: Avaliação sobre conteúdo ministrado até 05/04.

Avaliação anexa abaixo:

IFRS – Instituto Federal Rio Grande do Sul – Porto Alegre

12/04/2016

Disciplina: Filosofia

Prof: Júlio Escouto

ALUNO:

As questões 1 e 2 são de resposta obrigatória e das demais escolha 3 para responder.

1. Explique com suas palavras o que é Ética.
2. O que é Imperativo Categórico? Explique e cite um exemplo.
3. Com base no que vimos e discutimos em aula sobre o filme “O Clube do Imperador” com relação ao comportamento do professor em relação à Ética, podemos considerar o professor Hundert um ser virtuoso? Justifique. Se não, como ele poderá vir a ser virtuoso?
4. Segundo Kant, realizar uma ação de acordo com o Imperativo Categórico basta para ela ser boa? Porquê?
5. Para Aristóteles, como os seres humanos podem se tornar bons e virtuosos?
6. O que são códigos de ética, como por exemplo os dos médicos, dos advogados, dos psicólogos, etc?

Exemplos de provas dos alunos:

Questão por questão com resposta de alunos.

Os originais das provas estão nos anexos.

- 1- Explique com suas palavras o que é Ética.

Respostas:

Aluno 1 – *Ética é tudo aquilo que o indivíduo traz dentro de si. Suas expectativas, sua moral, seus costumes, valores. Tudo isso é contruído dentro da sociedade em que esse indivíduo vive (escola, família, religião, etc).*

Obs: O aluno conseguiu com suas palavras explicar o que é ética.

Aluno 2 – *É o que é bom para o indivíduo e para a sociedade, o estudo contribui para estabelecer a natureza e deveres no relacionamento indivíduo e sociedade.*

É o que é bom para as pessoas, o ser humano e a sociedade.

Obs: Também este aluno transmite o que entendeu e o que é a ética.

Aluno 3 – *Ética é uma forma de comportamento e decisões conciente diante de um problema, a ser resolvido usando a razão na sociedade.*

Obs: Este aluno não fala em moral mas transmite que ética é um comportamento e decisões frente a um problema a ser resolvido.

- 2- O que é Imperativo Categórico. Explique e cite um exemplo.

Respostas:

Aluno 1 – *É o dever de toda a pessoa de agir conforme os princípios que ela quer que todos os seres humanos sigam e também é de seu desejo que se torne uma lei universal.*

Obs: Respondeu corretamente com relação ao que aprendeu sobre imperativo categórico.

Aluno 2 – *É uma formulação como devemos tratar as pessoas, é o dever de toda pessoa de agir conforme os princípios, uma lei da natureza humana “universal”.*

Obs: Este respondeu bem similar ao Aluno 1 e corretamente.

Aluno 3 – *Imperativo Categórico é uma formulação que nos dita que devemos tratar as pessoas como fins e não como meros meios.*

Obs: O aluno 3 ressaltou que devemos tratar as pessoas como fins em si e não como meros meios, conforme o que Kant ensinou.

- 3- Com base no que vimos e discutimos em aula sobre o filme “O Clube do Imperador” com relação ao comportamento do professor em relação à Ética, podemos considerar o professor Hundert um ser virtuoso? Justifique. Se não, como ele poderá vir a ser virtuoso?

Respostas:

Aluno 1 - *Não podemos considerar o professor Hundert um ser virtuoso pois ele faltou com a moral. O prof. Poderá ser virtuoso desde que exerça a prática da virtude.*

Obs: O aluno 1 reconheceu bem que o personagem faltou com a moral e que poderá se tornar virtuoso pela prática de atos virtuosos.

Aluno 2 – *Não, poderá ser virtuoso colocando em prática o que aprende, virtudes. A educação para o bem através da prática e repetição. Princípios éticos.*

Obs: Da mesma forma que o aluno 1, o aluno 2 reconheceu que o personagem não foi ético mas que poderá se tornar ético colocando em prática o que aprendeu e também que exige prática e repetição.

Aluno 3 – *Não, pois beneficiou um aluno em detrimento de outro. Poderá vir a ser virtuoso realizando certas condutas e mudando a forma de agir de modo a demonstrar verdadeira preocupação com o bem de todos os alunos.*

Obs: O aluno 3 afirmou que o personagem não foi ético porque beneficiou um aluno em detrimento de outro e que ele poderá vir a ser virtuoso mudando a forma de agir demonstrando verdadeira preocupação com o bem de todos os alunos.

- 4- Segundo Kant, realizar uma ação de acordo com o Imperativo Categórico basta para ela ser boa? Porquê?

Respostas:

Aluno 1 – *Não basta a pessoa ser boa, deverá agir conforme os princípios desejados que todos os seres humanos sigam e que ela deseja que sejam uma lei universal – lei da natureza.*

Obs: O Aluno 1 entendeu bem que a pessoa tem que agir conforme os princípios que desejados que todos seres humanos sigam.

Aluno 2 – *Não, Porque uma ação boa deve ser acompanhada também por motivos certos.*

Obs: O aluno 2 responde corretamente ao dizer para uma ação ser boa ela deve ser acompanhada por motivos certos.

Aluno 3 – *Não, Porque Kant também infatiza que realizar uma ação de acordo com o imperativo categórico não basta para ela ser boa. Em essência a ação deve ser feita também pelos motivos certos.*

Obs: O aluno 3 enfatiza corretamente que em essência a ação deve ser feita pelos motivos certos.

5- Para Aristóteles, como os seres humanos podem se tornar bons e virtuosos?

Aluno 1 – *Praticando as suas virtudes, pois só através da repetição podemos nos tornar virtuosos e bons.*

Obs: Respondeu corretamente que só através da prática, pois só através da repetição podemos nos tornar virtuosos e bons.

Aluno 2 – *Precisa de bons exemplos a imitar, junto à prudência, sabedoria e prática é possível chegara uma definição pela consideração das pessoas nas quais acreditamos.*

Obs: O aluno 2 também comenta que os seres humanos podem se tornar bons e virtuosos pela prática e imitação de bons exemplos

Aluno 3 – *Para você se tornar um ser humano bom e virtuoso precisa de bons exemplos a imitar. Quanto à prudência (sabedoria prática).Porque não basta saber o que é virtude é necessário praticá-la porque os seres humanos se tornam bons e virtuosos pela prática.*

Obs: A resposta do aluno 3 foi correta e a mais completa.

6 – O que são códigos de ética, como por exemplo os dos médicos, dos advogados, dos psicólogos, etc?

Aluno 1 – *É um conjunto de princípios e normas que um grupo estabelece.*

Obs: Resposta correta do aluno1.

Aluno 2 – *Pode referir-se a um conjunto de princípios e normas que um grupo estabelece para seu exercício profissional.*

Obs: Responde também corretamente e observa sobre o uso proficional do código de ética.

Aluno 3 – *Códigos de ética é um conjunto de princípios e normas que um grupo estabelece para seu exercício profissional.(por exemplo os códigos de ética dos médicos, dos advogados, dos psicólogos, etc).*

Obs: O aluno 3 também entendeu bem o que é um código de ética e ainda citou exemplos.

4. Conclusão:

A experiência do estágio foi especialmente gratificante, porque consegui confirmar a influência da metodologia de ensino como agente diretamente responsável pelo aprendizado dos alunos resultante de uma mudança de comportamento em função de uma “maneira” (didática) de apresentar a filosofia para os jovens e adultos do ensino ProEja. Aproveito para citar Ronai Rocha que diz em seu “Ensino de Filosofia e Currículo”; “O professor de Filosofia no nível médio parte de uma situação pedagógica na qual os problemas filosóficos se apresentam nas mais variadas formas e situações. Os problemas da Filosofia se apresentam sempre que na cultura há uma situação que nos permite reavaliar nossos critérios, nossos conceitos e limites mais fundamentais. Filmes, poemas, romances, situações do cotidiano, podem conter e apresentar problemas e situações filosóficas. Afinal, por que haveria algum espaço exclusivo para essas práticas de acerto de contas da gente com a gente mesmo? Quando temos isso claro, os filmes, poemas, romances, notícias de jornais podem e devem entrar para a aula de filosofia, pois ali se discute um tipo de autoconhecimento que, em um sentido preciso, não trata da busca de fatos novos acerca de cada um de nós, mas de uma prática que sempre tem um fundo moral, de acerto de contas de cada um consigo mesmo e com a comunidade em que vive. Nesse sentido a filosofia é, para os jovens, uma discussão da vida adulta, da vida adulta que os adultos teimam em esquecer”.

No meu caso, o meio pedagógico que escolhi e que deu muito certo foi, as HQs ou histórias em quadrinhos dos super-heróis. As HQ's, não são tão inocentes como se apresentam, elas expõem de forma perspicaz, questões referentes à ética e moral, que todo ser humano enfrenta no seu dia-a-dia. As HQ's foram as pioneiras em trazer para a literatura popular questões de suma importância, tais como a questão de direitos humanos e da criança, a discriminação do negro e da mulher, a bioética, questões de crime e castigo, de pobreza, entre outras. Essas questões eram discutidas tão somente por ativistas e, a partir das HQ's, passaram a ser veiculadas amplamente pelos meios de comunicação de massa, tal como a TV e o cinema.

Obtive retorno positivo de um dos alunos com relação às minhas aulas através de e-mail que o mesmo enviou e que se encontra no anexo G.

O aprendizado que fica é que todo esforço para preparar e adequar as aulas para transmitir de uma forma que fique mais atraente o aprendizado da filosofia para os jovens vale a pena e é recompensado com o retorno e aproveitamento deles.

5. Bibliografia

Valls, Alvaro L. M. - O Que é Ética, Coleção Primeiros Passos (Editora Brasiliense)

Tiburi, Marcia - Filosofia prática: Ética, vida cotidiana, vida virtual (Record)

Ricoeur, Paul - Ética e Moral (tradução por Antônio Campelo Amaral)

Chauí, Marilena - Convite à filosofia (Ática)

Aristóteles, Ética a Nicômaco

ZINGANO, Marco (Organizador) – Sobre a Ética Nicomaqueia de Aristóteles

CARVALHO, D Jota – A Educação está no GIBI – Editora Papyrus

WebEduc - O Portal de Conteúdos Educacionais do MEC - <http://webeduc.mec.gov.br/>

TANINO, Sonia - HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO RECURSO METODOLÓGICO PARA OS PROCESSOS DE ENSINAR – Universidade Estadual de Londrina – 2011

SANTOS, Roberto Elísio dos – NETO, Elydio dos Santos – Histórias em Quadrinhos e Práticas Educativas, 2015, Editora Criativo.

RAMA, Angela - **WERGUEIRO**, Waldomiro – **BARBOSA**, Alexandre – **RAMOS**, Paulo – **VILELA**, Tulio – Como Usar as Histórias em Quadrinhos na sala de aula – 2014 – Editora Contexto.

CARUSO, Francisco; **FREITAS**, Maria Silveira de. , Educar é fazer sonhar. Princípios, São Paulo, v. 83, 2006.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei; Aspectos educativos das histórias em quadrinhos de Super-heróis e sua importância na formação da Consciência moral, na perspectiva da ética Aristotélica das virtudes; Canoas, 2011.

POSSAMAI, Darlei; O Gênero Histórias em Quadrinhos nas Aulas de Filosofia, Itabaiana, 2012.

CONNOLLY, Katie; [Teaching Philosophy with Spider-Man](#), BBC News, Washington, 2010.



O Homem-Aranha

Esse super-herói se apresenta como um modelo com o qual podemos nos identificar. Peter Parker (o Homem-Aranha sem a máscara) é um jovem que luta contra as tentações humanas comuns, bem como contra os entraves da adolescência. Quem nunca se sentiu incluído nas páginas das histórias de Peter Parker? O Homem-Aranha, com seus medos, romances mal sucedidos, preconceitos dos colegas ou até mesmo situações de bullying?

Mas o que faz com que um adolescente se torne herói desse tipo, que também salva vidas dos outros colocando sua própria vida em risco, e não usa seus poderes em benefício próprio? Quem é afinal esse Homem-Aranha?

Quem é afinal esse Homem-Aranha?

Peter Parker foi adotado pelos tios, os simpáticos e adoráveis Ben e May Parker. Depois de ter sido picado pela aranha, radiativamente modificada em um acidente laboratorial, começou a perceber que havia recebido superpoderes. Percebendo que havia algo de diferente em Peter, seu tio Ben, agora seu pai adotivo, lhe dá o conselho: “com um grande poder, vêm grandes responsabilidades”. Após a morte de seu tio Ben, assassinado, Peter Parker levará essa frase para o resto de sua vida, e ela irá marcar toda sua ação de super-herói na figura do Homem-Aranha.

**Se você fosse o Homem-Aranha,
o que você
FARIA ?**



Escolher e cumprir o dever

O que impressiona na ação desse herói das HQ's é seu heroísmo e principalmente o fato de que muitas coisas que ele toma como sendo de sua responsabilidade não precisaria fazer. Peter Parker tem a permissão para viver uma vida comum, mas é o fato de escolher outro caminho, o de ser o Homem-Aranha, que faz com que suas ações tornem-se dignas de louvor. A grande responsabilidade que vem com o grande poder não é o dever de usar esse poder como Homem-Aranha (um super-herói). É no máximo uma obrigação de não prejudicar os outros usando-o de modo errado. Isso é um ato nobre. Escolher e cumprir o dever, combater o crime, ajudar os indefesos e protegê-los das perversas maquinações dos vilões: isso, sim, é que faz dele um super-herói.

O Homem-Aranha corajoso e ético

Peter Parker, assim como os outros super-heróis, tem sua motivação heroica marcada pela filosofia prática de Aristóteles, pela ética das virtudes. O Homem-Aranha, por exemplo, é um ser corajoso que pratica a mediania. E, segundo Aristóteles, a coragem é o meio-termo entre o medo e o excesso de autoconfiança.

Assim como o Batman, o Homem-Aranha também é um exemplo para os cidadãos de Nova Iorque. Ele vive em excelência moral assim como o Super-Homem. Ele conhece o bem e sabe como praticá-lo assim como os X-Men.

Peter Parker, jovem e virtuoso

Mas Peter Parker, diferente desses super-heróis, é apenas um adolescente que, segundo Aristóteles, ainda não teria condições objetivas de haver adquirido sabedoria prática uma vez que essa resulta de uma lição da experiência.

Claro que a virtude não depende da idade, caso contrário os mais vividos seriam virtuosos, e os novos não. O que distingue o Homem-Aranha é que ele tomou para si a lição aprendida de seu tio. Por isso, ele pode julgar com propriedade e agir com prudência embora ainda seja muito jovem. Acontece que, mesmo sendo ainda muito jovem, Peter Parker passou por situações das mais diversas em sua vida e aprendeu com elas. Peter Parker tem em sua família o exemplo de uma educação para a virtude e, adquirindo seus superpoderes como Homem-Aranha, colocou em prática tudo o que já aprendera.

As nossas escolhas fazem de nós o que somos.

Talvez seja precisamente isso que tornou este Super-Herói tão popular pois ele passou pelas mesmas necessidades e privações que muitos jovens enfrentam em seu dia a dia, de problemas financeiros às questões morais. Ele aprendeu muito cedo que, “seja qual for o conflito que tivermos dentro de nós, sempre temos uma escolha pois são as nossas escolhas que fazem de nós o que somos e sempre podemos escolher aquilo que é certo”.

Batman Kantiano



Batman como símbolo

Bruce Wayne não quer ver outras crianças perderem os pais assassinados como ocorreu com ele próprio. Gotham City está nas mãos dos criminosos e corruptos e, pelo seu espírito de justiça, busca dar um basta nessa situação: “Quero mostrar ao povo que Gotham não pertence aos criminosos e corruptos”. Batman afirma que “para sair da apatia, as pessoas precisam de exemplos dramáticos. Não posso fazer isso como Bruce Wayne. Como homem, sou de carne e osso, posso ser ignorado e destruído. Mas, como símbolo, posso ser incorruptível, posso ser eterno”.

O exemplo a seguir

Na história de Bruce Wayne, consta que ele tinha na figura do pai o exemplo a seguir. No período da depressão nos Estados Unidos, Thomas Wayne quase fez sua empresa (Wayne Corporation) ir à falência combatendo a pobreza. Pensava que os ricos de Gotham City seguiriam seu exemplo e tentariam salvar a cidade. Mas foi assassinado e não pôde cumprir esse papel. Coube ao jovem Wayne a tarefa de ser o exemplo para Gotham City. Batman é este símbolo de mudança, um super-herói que toma para si a tarefa de ‘inspirar as pessoas de Gotham City para fazer com que a cidade possa ressurgir’.

Batman Kantiano de princípios

Bruce argumenta que ele adere a um princípio de não matar que não "permite exceções". Isso soa muito como o dever kantiano perfeito. Em um mundo ideal, é fácil dizer "Eu não vou matar" ou "Eu não vou mentir", independentemente das circunstâncias, e é admirável uma pessoa que tenta o seu melhor para cumpri-los. Mas tal pessoa também deve reconhecer que pode haver circunstâncias que forçarão ele ou ela a questionar se estes deveres ou princípios são verdadeiramente absolutos.

Kant

O filósofo Kant (filósofo alemão, 1724-1804), para ele, devemos agir de tal forma que trates a humanidade, na tua pessoa ou na pessoa de outrem, sempre com um fim e nunca apenas como um meio. Concentrar-nos na crença de Kant, de que a moralidade exige que tratemos as pessoas sempre como um fim e nunca apenas como um meio. Quando Kant afirmou que o valor dos seres humanos está acima de qualquer preço, não tinha em mente apenas um efeito retórico, mas sim um juízo objetivo sobre o lugar dos seres humanos na ordem das coisas.

Resumindo, Ética, segundo o dicionário filosófico, é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é a ciência de uma forma específica do comportamento humano.

Então, hoje, não adianta só cobrar, que os políticos sejam éticos, devemos começar por nós mesmos, sermos um pouco mais éticos. Só assim teremos uma felicidade política - social. Pois além de sermos animais racionais, somos (por viver em sociedade) animais políticos.

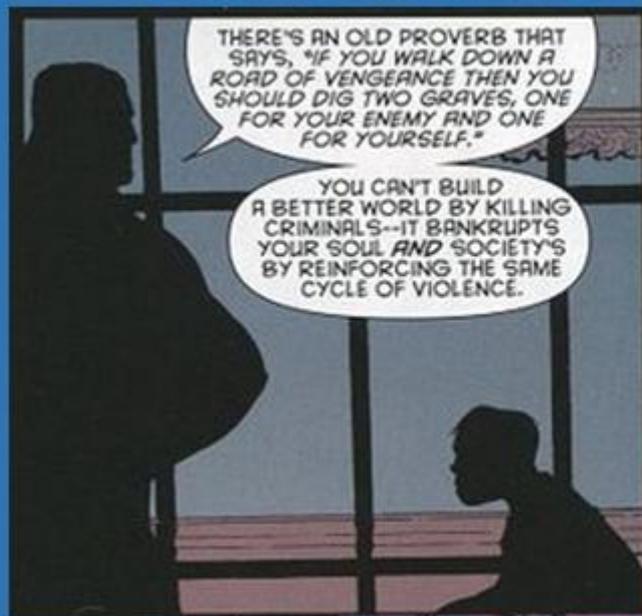
Kant

Imperativo Categórico:

Age somente, segundo uma máxima tal, que possas querer ao mesmo tempo que se torne lei universal.

Kant criou o termo *Imperativo*, no seu livro *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, escrito em 1785. Esta palavra pode ser entendida, segundo alguns autores como uma analogia ao termo bíblico *Mandamento*. "a representação de um princípio objetivo enquanto constrange a vontade, denomina-se uma ordem da razão; e a fórmula do mando denomina-se Imperativo"(II)

Batman Kantiano de princípios



Há um velho provérbio que diz: "Se você andar por uma estrada de vingança, então você deve escavar duas sepulturas, uma para seu inimigo e uma para si mesmo".

Você não pode construir um mundo melhor matando criminosos e reforçando o mesmo ciclo de violência.

Ser como o Batman

Bruce Wayne sabe que sozinho não terá como tornar Gotham um lugar melhor para se viver, mas sabe que, como Batman, pode vir a ser o exemplo para muitos, um símbolo da virtude, do ser moralmente incorruptível. Talvez todos nós devêssemos tentar ser um pouco mais parecidos com esse ser fictício e agir como ele na esperança também de nos tornarmos gradativamente mais virtuosos.

As HQs e a Filosofia

Júlio César Pedroso Escoto

“As superaventuras de Batman, Super-Homem e Homem-Aranha, além de divertir, servem como modelos morais, para seus leitores, pois eles não sofrem com as fraquezas humanas, com “os prazeres”, segundo Aristóteles. Assim, os personagens fictícios constituem melhores modelos de virtudes do que um personagem real. Os quadrinhos são um dos grandes ícones da cultura Pop, além do entretenimento, faz o jovem leitor buscar o hábito pela leitura e assim também fazer reflexões sobre temas tão pertinentemente abordados nas páginas das HQs. Tais histórias nos fornecem um vasto material filosófico para discutir. Elas podem ser objeto de investigação para a filosofia e para muitas ciências – e a meu ver -, assim como Aristóteles já afirmou: “o filósofo pode especular sobre todas as coisas”, por que não, sobre as histórias em quadrinhos?”(Gelson Weschenfelder-Aristóteles e os Super-Heróis).

F I M

ANEXO A – Explicação sobre SHUTRUK-NAHUNTE – Filme O Clube do Imperador

SHUTRUK-NAHUNTE, QUEM?

Página 1 de 4

18th July 2010

SHUTRUK-NAHUNTE, QUEM?

[<http://criandoacasos.files.wordpress.com/2009/08/fim.jpg>]

Shutruk-Nahunte I foi um líder elamita. Em meados de 1158 a.C. colocou a região de Elam (atualmente no sudeste do Irã) em seu apogeu.



Pouco se conhece da história de Shutruk-Nahunte. Filho de Hubannumena (Haludusinsusinak), pai de Kutir Nahunte II e o iniciador da dinastia Shutrukkides ou Shutrukida (Haludusinsusinak, Shutruknahunte I, Kutirnahunte II, Silhakinsusinak I, Huteludusinsusinak, Silhinahamrulagamar, Humbannumena II, Shutruknahunte II, Shuturnahunte I, Aksirnahunte Aksirsimut). Sabe-se também que ele foi rei da Anshand e Susa, sendo assim soberano da região de Elam durante 1180-1155a.C. Destruiu a cidade de Sippan (Sippar) com o "comando" do seu Deus Inshushinak. Acreditava também na deusa Napirisa (Kiririsha) tendo levantado um templo à ela em Liyan. Capturou muitos itens e levou para Susa, dentre eles as estelas de Hamurabi da Assíria e a estela de Naram Sin (Nirah-Sin) da Acádia, esta última foi levantada em homenagem ao seu Deus Inshushinak.

Shutruk-Nahunte é citado no filme "The Emperor's Club" (O Clube do Imperador, Universal, 2002), onde um professor de história o cita justamente por ser alguém que fez grandes conquistas por puro egoísmo, de forma que foi esquecido pela história. Shutruk-Nahunte também é citado no filme "Dead Poets Society" (Sociedade dos Poetas Mortos, drama estrelado por Robin Williams). Também, graças a sua qualidade de conquistar territórios sem propósito algum [1]

Sucintamente, esta é a história de Shutruk-Nahunte. Um rei que em sua geração sobrepujava a todos. Por falta de notoriedade em seus feitos, o fato que melhor tem concorrido para posteridade é uma antiga citação que, segundo consta, foi proferida pelo mesmo.

"Eu sou Shutruk-Nahunte, Rei de Anshand e Susa, Soberano da Terra de Elam. Sob o comando de Inshushinak, eu destruí Sippar, capturei a estela de Nirah-Sin e a levei de volta a Elam onde eu a plantei como uma oferenda a meu Deus Inshushinak". Shutruk Nahunte - 1158 A.C[2]

Diante deste arroubo de relevância, o mundo grita – e daí? O fato é que Shutruk-Nahunte, quando lembrado, é sempre sinônimo de egoísmo, de irrelevância. Tudo porque, enquanto governante, ele jamais se preocupou com os outros, mas, apenas consigo próprio, e, no afã de conseguir sempre mais, acabou por construir um grande império, só que erigido sobre um monturo de trivialidades. O que prova que, quando nossas atitudes não vislumbram um bem maior, elas são sempre fulgazes, efêmeras.

Nossa geração está repleta de homens à semelhança de Shutruk-Nahunte. Homens que andam as voltas com seu poderoso "umbigo", e que vivem aquém da realidade que os cerca. Pessoas deste tipo estão sempre a procura de auréolas, de projeção celestial. Com suas vidas procuram a todo custo ofuscar a Glória sempiterna do Todo Poderoso. Enredam-se pelo pior de todos os erros. A paixão pela glória.

O fato é que Deus não compartilha de sua Glória com ninguém. Aqueles que escolhem este caminho, averão de encontrar-se com Caim, Balaão e Corá (Jd 11). Ai deles, pois, este caminho é caminho de morte.



"Difícil não é fazer o que é certo, é descobrir o que é certo fazer."

A palavra *Ética* é originada do grego *ethos*, que significa modo de ser, caráter. Através do latim *mos* (ou no plural *mores*), que significa costumes, derivou-se a palavra moral. Em Filosofia, *Ética* significa *o que é bom para o indivíduo e para a sociedade*, e seu estudo contribui para estabelecer a natureza de deveres no relacionamento indivíduo - sociedade.

A ética está presente em todas as raças. Ela é um conjunto de regras, princípios ou maneira de pensar e expressar. *Ética* é uma palavra de origem grega com duas traduções possíveis: costume e propriedade de caráter. Vários pensadores em diferentes épocas abordaram especificamente assuntos sobre a *ÉTICA*: Os pré-socráticos, Aristóteles, os Estóicos, os pensadores Cristãos (Patrísticos, escolásticos e nominalistas), Kant, Espinoza, Nietzsche, etc.

A ética é nada menos que conceitos morais e expectativas de comportamento em sociedade, internalizados e aplicados de forma consciente na tomada de decisões. Portanto, a ética tem uma conotação individual, apesar da construção desse modelo pessoal acontecer a partir da moral e costumes num processo contínuo, influenciada pela sociedade (família, escola, igreja, profissão, etc.) que a pessoa vive. Sendo então, moldada por valores e princípios oriundos da sociedade em que se vive.

O homem vive em sociedade, convive com outros homens e, portanto, cabe-lhe pensar e responder à seguinte pergunta: "Como devo agir perante os outros?". Trata-se de uma pergunta fácil de ser formulada, mas difícil de ser respondida. Ora, esta é a questão central da Moral e da *Ética*.

Moral e ética, às vezes, são palavras empregadas como sinônimos: conjunto de princípios ou padrões de conduta. *Ética* pode também significar Filosofia da Moral, portanto, um pensamento reflexivo sobre os valores e as normas que regem as condutas humanas. Em outro sentido, ética pode referir-se a um conjunto de princípios e normas que um grupo estabelece para seu exercício profissional (por exemplo, os códigos de ética dos médicos, dos advogados, dos psicólogos, etc.).

Finalmente, deve-se chamar a atenção para o fato de a palavra "moral" ter, para muitos, adquirido sentido pejorativo, associado a "moralismo". Assim, muitos preferem associar à palavra *ética* os valores e regras que prezam, querendo assim marcar diferenças com os "moralistas".

Disciplina: Filosofia

Prof: Júlio Escouto

A GUERRA CIVIL

Em 2006 a Marvel publica a minissérie Guerra Civil (Civil War) que muda os rumos dos personagens da editora.

A narrativa começa com uma enorme explosão que matou centenas de pessoas provocada por um super-vilão enfrentando um grupo de super-heróis, com a televisão mostrando ao vivo para todo o país. Diante desses fatos, o governo estadunidense decidiu por em vigor a Lei de Registro de Super-Humanos, que obrigava todos os vigilantes uniformizados a se registrarem, inclusive revelando suas identidades secretas, para que o governo soubesse exatamente quem eram e pudesse controlar suas atividades. Ocorreu que os heróis se dividiram. O Homem de ferro liderava os que eram a favor da lei e o Capitão América os que eram contra, gerando uma disputa entre dois grupos e os ideais políticos que representavam. A minissérie era uma referência clara aos acontecimentos do governo de George W. Bush, que na época tentava implantar o que viria a ser o Patriot Act: medidas que cerceavam os direitos de seus cidadãos, tendo como justificativa a luta contra o terrorismo. No fim, o grupo a favor do registro vence, mas a custo de um desfecho trágico: o Capitão América é assassinado em frente às câmeras de tv, indicando que o sonho de liberdade tinha morrido.

Com isso, pode-se perceber que os comics não estão dissociados do contexto da época em que foram produzidos. Desde que os super-heróis foram criados no auge da Grande Depressão na década de 1930, seus métodos de luta contra o mal foram ampliados ou modificados, e os próprios inimigos, encarnações desse mal, também mudaram. Mas algo nos quadrinhos permaneceu a mesma: a discussão sobre o que seria a essência da América.

A reiteração de princípios e ideais tradicionais como o da liberdade individual, inclusive perante o Estado, prevaleceu. Mas é preciso reconhecer que as contradições e os conflitos que sempre estiveram presentes na sociedade não deixaram de se manifestar e penetrar nas narrativas, afetando cânones, inclusive o da própria pureza e retidão de princípios dos heróis, que se humanizaram e se transformaram por vezes em anti-heróis. Perderam o rumo ou a missão perdeu o sentido? As editoras dos quadrinhos reiteraram mitos e criaram ícones, mas por força ou não da pressão mercadológica, assumiram, em alguma medida, o lugar de iconoclastas. Afinal, os mitos não estão imunes à história.

(A Marvel publica a minissérie Guerra Civil (Civil War) que muda os rumos dos personagens da editora. - Fábio Vieira Guerra - CENTRO DE ESTUDOS GERAIS – CEG - INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA – ICHF - NITERÓI 2011).

O que é um argumento?

“Um argumento é um conjunto de proposições que utilizamos para justificar (provar, dar razão, suportar) algo. A proposição que queremos justificar tem o nome de conclusão; as proposições que pretendem apoiar a conclusão ou a justificam têm o nome de premissas.” (Antônio Padrão, “Algumas noções de lógica”, www.criticanarede.com)

As premissas são as informações, os dados que à partida temos sobre um problema; a conclusão é uma consequência que, ao raciocinar, tiramos. Assim, a conclusão corresponde à nossa opinião sobre o problema, à nossa tese e as premissas são a maneira que temos de justificar a conclusão a que chegámos.

Um argumento possui uma conclusão e uma ou várias premissas.

Os argumentos são conjuntos de proposições, mas nem todos os conjuntos de proposições são argumentos. Um argumento é mais do que uma lista de proposições. Para se tratar de um argumento as proposições têm de estar organizadas de um modo tal que uma delas (a conclusão) se apresente como a consequência das outras (as premissas). Dito por outras palavras: as premissas devem apresentar-se como uma justificação ou apoio da conclusão. Essa relação existe no exemplo A mas não no B. Por isso, este não é um argumento.

Exemplo A: Hoje estou cansado e, dado que amanhã tenho muito que fazer, devo descansar. Por isso, não irei ao cinema.

Exemplo B: A Cecília é simpática e vive em Porto Alegre. Além disso, a Cecília quer ir para a Universidade.

A expressão “Por isso” (usada em A) é um indicador de conclusão. Normalmente diz-nos que a frase a seguir apresentada constitui a conclusão. Há outras palavras e expressões que também têm esse papel: “Logo”, “Portanto”, “Consequentemente”, etc.

A expressão “dado que” (usada em A) é um indicador de premissa. Normalmente diz-nos que a frase a seguir apresentada constitui uma premissa. Há outras palavras e expressões que também têm esse papel: “Pois”, “Porque”, “Devido a”, etc.

Uma vez que num argumento a conclusão é uma consequência das premissas, a forma mais clara e explícita (a forma padrão ou a expressão canônica, como dizem os lógicos) de apresentar o argumento é apresentar primeiro as premissas e depois a conclusão – antepondo-lhe a palavra “Logo” para não restarem quaisquer dúvidas.

Todavia, no dia-a-dia as pessoas pensam e falam de modo mais livre e espontâneo e habitualmente não usam a expressão canônica dos lógicos. Assim, além dos argumentos em que a conclusão surge no final, podem-se encontrar argumentos em que a conclusão surge no início ou mesmo no meio.

Exemplo C: Todos os cidadãos com direito de voto devem votar, pois só votando poderão ter uma palavra a dizer nas decisões políticas. Ora, numa democracia os cidadãos devem ter uma palavra a dizer nas decisões políticas.

Exemplo D: Ler livros estimula a inteligência e melhora a capacidade de expressão,

como tal debes ler livros. Além disso, os livros não são caros.

No exemplo C a conclusão é “Todos os cidadãos com direito de voto devem votar” e no exemplo D é “deves ler livros”. O que conta para uma frase ser a conclusão de um argumento não é a posição que nele ocupa, mas a relação que tem com as outras frases. As frases referidas constituem a conclusão dos seus argumentos pois derivam das outras frases, são consequências delas e são por elas justificadas. E “Além disso, os livros não são caros.” também é uma premissa.

No dia-a-dia também é frequente surgirem argumentos em que não existem indicadores de premissa nem de conclusão. É o que sucede no exemplo E, a seguir apresentado. A sua conclusão é “As guerras deviam acabar”, pelas razões referidas no parágrafo anterior.

Exemplo E: As guerras deviam acabar. Numa guerra morrem sempre inocentes e a morte de inocentes é uma grande injustiça.

Outra situação frequente é surgirem argumentos contendo uma ou mais premissas ocultas (implícitas, subentendidas). Esses argumentos chamam-se entimemas. Como essas premissas omitidas podem dar origem a confusões, ao reescrever o argumento para expressá-lo de modo canônico devemos explicitar tais premissas. No exemplo F, a seguir apresentado, a premissa oculta é: “As coisas que violam os direitos humanos devem ser proibidas”. Note que, se essa ideia não fosse subentendida, não se conseguiria justificar a conclusão – que é “A mutilação genital feminina devia ser proibida”.

Exemplo F: A mutilação genital feminina devia ser proibida, porque constitui uma violação dos direitos humanos.

ANEXO D – Explicação sobre a Ética de Aristóteles.

Aristóteles (384-322 a.c.) pretendia descobrir a raiz da felicidade, ele começou a explorar o que é viver com excelência. São as ações do homem que o leva para a felicidade.

Segundo Aristóteles, é possível que se desenvolva o caráter do ser humano e isso é, para ele, a questão pedagógica central, uma vez que o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos, independentes da formação para a virtude, pode fazer do ser humano um facínora inteligente, frio e calculista. Segundo ele, a aquisição da virtude se dá como a de qualquer outra habilidade ou atitude, isto é, obtida com muito treinamento.

*Aristóteles foi o primeiro a mencionar a filosofia prática, sendo seu criador, a qual abrange a política e a ética, com o intuito de atingir a areté (virtude), que vem a ser o tema central da *Ética a Nicômaco*. O saber prático distingue-se do saber teórico porque seu objetivo não é o conhecimento de uma realidade determinada, mas também, o estabelecimento das normas e critérios para a boa forma de agir, para a ação correta e eficaz.*

Vivendo e aprendendo, o ser humano pode tornar-se virtuoso e digno da felicidade. O problema é: como o ser humano se torna um bom ser humano? Segundo a ética aristotélica, tornamo-nos homens bons do mesmo modo que nos tornamos bons na maioria das outras coisas: pela prática e

repetição. Segundo Aristóteles, aprendemos uma arte ou ofício fazendo as coisas que teremos que fazer quando a tivermos aprendido. Ou seja, e só através do hábito de construir que posso me tornar um construtor; sendo justo, realizando atos justos.

Confor

me Aristóteles, o ser humano só é moralmente virtuoso e justo quando pratica um ato bom visando este fim, isto é, caso ele realize um ato sem tal consciência, mesmo que este venha a ter como resultado algo bom ou justo, não significa que o homem deva ser considerado bom ou justo. Somente o homem que busca o caminho correto, de verdade e de justiça, e seu dever moral com a sociedade, é virtuoso. E mais: o ser humano nasce para a cidadania e vive para sociedade na qual esta inserido.

ANEXO E – Análise sobre o Filme “O Clube do Imperador”.

NOME: Júlio César Pedroso Escouto.
Análise do Filme O CLUBE DO IMPERADOR
(The Emperor's Club)
Diretor: Michael Hoffman
Ano/Local: 2002, Los Angeles -EUA
Gênero: Drama
Duração: 109 min.

William Hundert (Kevin Kline) é um professor da *St. Benedictus*, uma escola exclusiva e tradicional que recebe como alunos, jovens da alta elite da sociedade americana. A instituição em sua metodologia de ensino, principalmente nos valores que apregoava. Como professor Hundert era aplicado e buscava ensinar aos seus alunos valores por meio de ensinamentos de filósofos e imperadores da antiguidade. Para o professor, o mais importante era viver uma vida ética, moral e retida. Afirmava que “a ambição e conquista sem contribuição não tem significado”. Nada adiantaria o homem almejar grandes conquistas para si, se esta não trouxesse grandes benefícios para a sociedade. O professor Hundert dá aulas de história greco-romana referentes aos filsofos e imperadores romanos, com lições de ética e moral para serem aprendidas, visando moldar as personalidades dos alunos. O professor Hundert é reconhecido por suas boas instruções em sala de aula. O professor Hundert demonstra muito entusiasmo ao falar para os seus alunos e nas suas falas sempre faz questão de expressar algumas frases filosóficas, inicialmente, frisou que “O caráter de um homem é determinado pelo destino”, também se esforça para impressioná-los sobre a importância de uma atitude coerente em suas aulas e rotinas diárias vêm ocorrendo com ordem e tranquilidade, devido ao respeito e admiração que os alunos têm pelo professor, em uma relação de obediência e submissão. O professor Hundert transmite valores progressistas, frisando que para entendermos o presente, temos que relativizar o passado e buscarmos um futuro promissor. Na escola tudo sempre transcorreu com normalidade, quando de repente, chega à escola o aluno Sedgewick Bell (Emile Hirsch), filho de um importante político norte-americano (Senador), logo à sua entrada na sala de aula, perturba aquela rotina de tranquilidade por entrar em conflito - choque - com as ideologias e posições do professor Hundert. O novato faz questão de revelar à sua arrogância.

O professor Hundert vê-se desafiado por aquele jovem que, inicialmente, demonstra ser desinteressado nos estudos e indisciplinado, sendo ainda filho de um Senador relativamente influente nos Estados Unidos. O jovem demonstra também que não mantinha um relacionamento de afetividade, carinho e diálogo com os pais. Apesar de suas tentativas de aproximação, tendo o pai matriculado o filho na escola, porque a metodologia de ensino atendia a elite americana. O perfil dos alunos é demonstrado pela boa vida social e respeito da elite norte-americana e respeitosa - obediência. Percebe-se que a arrogância era uma característica do aluno Sedgewick Bell e o professor Hundert, acreditava ter também como missão moldar o caráter dos seus alunos, tentou utilizar-se dessa moldagem. Em certa aula o professor, com o novato à frente, fazendo algumas perguntas, que o aluno não sabia responder, então o professor fez as mesmas perguntas para a turma, tendo os demais alunos, em coro, respondido aquelas perguntas. Aproveitando a oportunidade, o professor aproveitou para fazer a sua colocação ideológica e repreensão, com ironias e humilhação para o aluno indisciplinado, que ficou visivelmente envergonhado. Logo depois o professor procura o jovem, diz acreditar no seu potencial e o desafia a ingressar em um concurso anual “Senhor Júlio César” - de perguntas e respostas sobre os temas ministrados em sala. Os alunos disputam uma prova oral final, dentre os três melhores classificados e o aluno vitorioso tem seu nome fixado na parede da escola como o melhor aluno do ano. Diante do conflito, o aluno Sedgewick Bell imediatamente questiona ao professor Hundert, qual a importância daquilo que é ensinado, e o professor responde com sua rebeldia, mas o professor Hundert, sem expressar nada - silenciosamente - porém reconhece que considera esse aluno inteligente e acha que pode colocá-lo no caminho adequado e certa moldagem baseada nos princípios acadêmicos da escola. Surge imediatamente a indagação: Não é possível ter um aluno com este tipo de conduta escolar e comportamental?

Os outros alunos da classe seguiam aos padrões desejados pela instituição de ensino e obediam aos professores e as orientações do professor, sempre havia algumas diversões típicas de adolescentes, brincadeiras, nada que beirasse a “marginalidade” do aluno recém-chegado. A relação entre professor e alunos eram de obediência e submissão. As aulas seguiam um padrão de instrução tradicional baseado em livro texto e lições complementares de outros livros com avaliações escritas e repetitivas.

IFRS - Instituto Federal Rio Grande do Sul
Disciplina: Filosofia Turma: ProEJA4
Prof: Júlio Escouto

ÉTICA – MORAL

Isso é certo ou errado? Bom ou ruim? Devo ou não devo? Provavelmente você já deve ter feito alguma dessas perguntas na hora de tomar uma decisão ou fazer uma escolha. Essas perguntas permeiam a reflexão sobre dois termos: ética e moral.

ÉTICA → ETHOS → Modo de Ser, Caráter, Comportamento do Grego

1. A palavra **ética** se origina do termo grego *ethos*, que significa "modo de ser", "caráter", "costume", "comportamento". De fato, a ética é o estudo desses aspectos do ser humano: por um lado, procurando descobrir o que está por trás do nosso modo de ser e de agir; por outro, procurando estabelecer as maneiras mais convenientes de sermos e agirmos. Assim, pode-se dizer que a ética trata do que é "bom" e do que é "mau" para nós.

Sócrates coloca o autoconhecimento como a melhor forma de viver com sabedoria. E seguindo a máxima de Aristóteles em “Ética a Nicômaco” e em seu pensamento moral de forma geral, “somos o resultado de nossas escolhas”. Aristóteles acreditava que a ética caracteriza-se pela finalidade e pelo objetivo a ser atingido, isto é, que se possa viver bem, ter uma vida boa, com e para os outros, com instituições justas. Já Platão entende que a justiça é a principal virtude a ser seguida.

Neste sentido, a ética é um tipo de postura e se refere a um modo de ser, à natureza da ação humana, ou seja, como lidar diante das situações da vida e ao modo como convivemos e estabelecemos relações uns com os outros. É uma postura pessoal que pressupõe uma liberdade de escolha.

O que estamos fazendo uns com os outros? Quais são as nossas

responsabilidades pessoais diante do outro? Uma postura ou conduta ética pode ser a realização de um tipo de comportamento mediado por princípios e valores morais.

MORAL → MORES → Costume
do Latim

A palavra “moral” deriva do latim *mores*, que significa “costume”. Aquilo que se consolidou ou se cristalizou como sendo verdadeiro do ponto de vista da ação. A moral é fruto do padrão cultural vigente e incorpora as regras eleitas como necessárias ao convívio entre os membros dessa sociedade. Regras estas determinadas pela própria sociedade.

A ética, por sua vez, é a parte da filosofia que estuda a moral, isto é, que reflete e questiona sobre as regras morais. A reflexão ética pode inclusive contestar as regras morais vigentes, entendendo-as, por exemplo, como ultrapassadas ou simplesmente erradas do ponto de vista pessoal.

Na época medieval, por exemplo, a moral era muito atrelada a crenças religiosas. A sociedade buscava na religião um meio para orientar o homem a agir de acordo com valores éticos. Após a Idade Moderna, o Estado passou a estimular regras e valores éticos, por meio de leis e o reconhecimento dos deveres de um sujeito em responder pelas consequências de seus atos.

E o que seria um comportamento moral ou imoral? Assim como a reflexão ética, uma conduta moral também é uma escolha a ser feita. As normas ou códigos morais são cumpridos a partir da convicção íntima da pessoa que se comporta. Uma pessoa moral age de acordo com os costumes e valores de uma determinada sociedade. Ou seja, quem segue as regras é uma pessoa moral; quem as desobedece, uma pessoa imoral.

Uma pessoa moral ou imoral não é necessariamente aquela que segue as leis ou regras jurídicas. Comportamentos como furar fila no banco, jogar lixo no chão, colar na prova, falar mal de um colega na frente do outro ou não dar espaço para os mais velhos no metrô não são considerados ilegais, mas podem ser atos imorais.

Falando e Pensando sobre Ética

“Há ciências que estudamos por simples interesse de saber coisas novas; outras, para adquirir uma habilidade que nos permita fazer ou utilizar alguma coisa; a maioria, para conseguir um trabalho e ganhar a vida com ele. Se não sentirmos curiosidade nem necessidade de realizar esses estudos, poderemos prescindir deles tranquilamente. Há uma infinidade de conhecimentos muito interessantes mas sem os quais podemos nos arranjar muito bem para viver. Eu, por exemplo, lamento muito não ter nem ideia de astrofísica ou de marcenaria, que dão tanta satisfação a outras pessoas, embora essa ignorância nunca me tenha impedido de ir sobrevivendo até hoje. E você, se não me engano, conhece as regras do futebol mas é bem fraco em beisebol. Não tem maior importância, você desfruta os campeonatos mundiais, dispensa olímpicamente a liga americana e todo o mundo sai satisfeito.

O que eu quero dizer é que certas coisas a pessoa pode aprender ou não, conforme sua vontade. Como ninguém é capaz de saber tudo, o remédio é escolher e aceitar com humildade o muito que ignoramos. É possível viver sem saber astrofísica, marcenaria, futebol e até mesmo sem saber ler e escrever: vive-se pior, decerto, mas vive-se. No entanto, há outras coisas que é preciso saber porque, por assim dizer, são fundamentais para nossa vida. E preciso saber, por exemplo, que saltar de uma varanda do sexto andar não é bom para a saúde; ou que uma dieta de pregos (perdoem-me os faquires!) e ácido prússico não nos permitirá chegar à velhice. Também não é aconselhável ignorar que, se dermos um safanão no vizinho cada vez que cruzarmos com ele, mais cedo ou mais tarde haverá consequências muito desagradáveis. Pequenezas desse tipo são importantes. Podemos viver de muitos modos, mas há modos que não nos deixam viver.

Em resumo, entre todos os saberes possíveis existe pelo menos um imprescindível: o de que certas coisas nos convêm e outras não. Certos alimentos não nos convêm, assim como certos comportamentos e certas atitudes. Quero dizer, é claro, que não nos convêm se desejamos continuar vivendo. Se alguém quiser arrebrantar-se o quanto antes, beber lixívia poderá ser muito adequado, ou também cercar-se do maior número possível de inimigos. Mas, de momento, vamos supor que preferimos viver, deixando de lado, por enquanto, os respeitáveis gostos do suicida. Assim, há coisas que nos convêm, e o que nos convém costumamos dizer que é “bom”, pois nos cai bem; outras, em compensação, não nos convêm, caem-nos muito mal, e o que não nos convém dizemos que é “mau”. Saber o que nos convém, ou seja, distinguir entre o bom e o mau, é um conhecimento que todos nós tentamos adquirir – todos, sem exceção – pela compensação que nos traz.

Como afirmei antes, há coisas boas e más para a saúde: é necessário saber o que devemos comer, ou que o fogo às vezes aquece e outras vezes queima, ou ainda que a água pode matar a sede e também nos afogar. No entanto, às vezes as coisas não são tão simples: certas drogas, por exemplo, aumentam nossa energia ou produzem sensações agradáveis, mas seu abuso contínuo pode ser nocivo. Em alguns aspectos são boas, mas em outros são más: elas nos convêm e ao mesmo tempo não nos convêm. No terreno das relações humanas, essas ambiguidades ocorrem com maior frequência ainda. A mentira é, em geral, algo mau, porque destrói a confiança na palavra – e todos nós precisamos falar para viver em sociedade – e provoca inimizade entre as pessoas; mas às vezes pode parecer útil ou benéfico mentir para obter alguma vantagem, ou até para fazer um favor a alguém. Por exemplo, é melhor dizer ao doente de câncer incurável a verdade sobre seu estado, ou deve-se enganá-lo para que ele viva suas últimas horas sem angústia? A mentira não nos convém, é má, mas às vezes parece acabar sendo boa. Procurar briga com os outros, como já dissemos, em geral é inconveniente, mas devemos consentir que violentem uma garota diante de nós sem interferir, sob pretexto de não nos metermos em confusão? Por outro lado, quem sempre diz a verdade – doa a quem doer – costuma colher a antipatia de todo o mundo; e quem interfere ao estilo Indiana Jones para salvar a garota agredida tem maior probabilidade de arrebrantar a cabeça do que quem segue para casa assobiando. O que é mau às vezes parece ser mais ou menos bom e o que é bom tem, em certas ocasiões, aparência de mau. Haja confusão!

[...]

Resumindo: ao contrário de outros seres, animados ou inanimados, nós homens podemos inventar e escolher, em parte, nossa forma de vida. Podemos optar pelo que nos parece bom, ou seja, conveniente para nós, em oposição ao que nos parece mau e inconveniente. Como podemos inventar e escolher, podemos nos enganar, o que não acontece com os castores, as abelhas e as formigas. De modo que parece prudente atentarmos bem para o que fazemos, procurando adquirir um certo saber-viver que nos permita acertar. Esse saber-viver, ou arte de viver, se você preferir, é o que se chama de ética.”

("Ética para meu filho", Fernando Savater, Editora Martins Fontes)

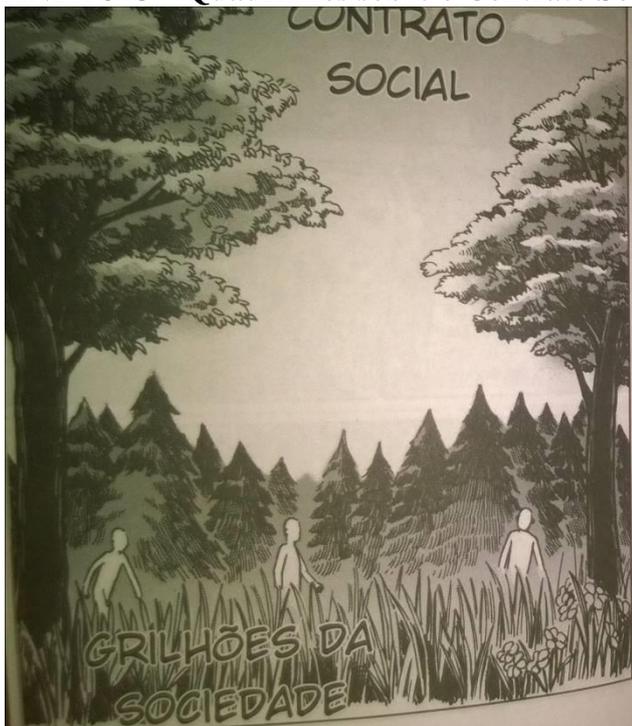
- Porém, vale recordar o que foi dito no início deste texto: a Ética não serve de base somente às relações humanas mais próximas. Ela também trata das relações sociais dos homens, na medida em que alguns filósofos consideram a ética como a base do direito ou da justiça, isto é, das leis que regulam a convivência entre todos os membros de uma sociedade.

O filósofo alemão Leibniz (1646-1716) considera que o direito e as leis decorrem de três preceitos morais básicos:

- Não prejudicar ninguém;
- Atribuir a cada um o que lhe é devido;
- Viver honestamente.

Ou seja, a ética orienta também o ordenamento jurídico e/ou legal das nações. Por conseguinte, orienta também a política. Quando a política não é pautada pela ética ocorrem os escândalos e os crimes que os brasileiros presenciam a cada ano nos Poderes Executivo e Legislativo do nosso país.

ANEXO G – Quadrinhos sobre o Contrato Social – Política.



* ROC ROC

Exemplos de provas:

S – Instituto Federal Rio Grande do Sul – Porto Alegre
Disciplina: Filosofia
Professor: Júlio Escouto

A

12/04/2016

ALUNO: IRENE TEIXEIRA GONÇALVES (PROVA 4 - 2016/1)

Questões 1 e 2 são de resposta obrigatória e das demais escolha 3 para responder.

1. O que é Imperativo Categórico? Explique e cite um exemplo.
2. Com base no que vimos e discutimos em aula sobre o filme “O Clube do Imperador” com relação ao comportamento do professor em relação à Ética, podemos considerar o professor Hundert um ser virtuoso? Justifique. Se não, como ele poderá vir a ser virtuoso?
3. Segundo Kant, realizar uma ação de acordo com o Imperativo Categórico basta para ela ser boa? Porquê?
4. Bruce (Batman) argumenta que ele adere a um princípio de não matar que “não permite exceções”, isso parece muito com que filosofia e de qual filósofo?
5. Para Aristóteles, como os seres humanos podem se tornar bons e virtuosos?
6. Se sigo as leis ou regras jurídicas posso me considerar uma pessoa moral?
7. O que são códigos de ética, como por exemplo os dos médicos, dos advogados, dos psicólogos, etc?

1. IMPERATIVO CATEGÓRICO, SEGUNDO KANT É UM DEVER MORAL DEVE SER FUNDAMENTAL ASSIM DE MANEIRA QUE SATISFAÇA UMA FÓRMULA QUE DIZ QUE DEVEMOS TRATAR AS PESSOAS COMO FINS EM SI E NÃO COMO MEIOS MEIOS.

2. NÃO PODEMOS CONSIDERAR O PROF. HUNDETT UM SER VIRTUOSO, POIS ELE FAZOU COM A MORAL. O PROF. PODEMOS SER VIRTUOSO DEUS QUE EFETUA A PRÁTICA DA VIRTUDE.

3. NÃO BASTA A PESSOA SER BOA, DEVERÁ AGER CONFORME OS PRINCÍPIOS DELEGADOS QUE SÃO OS DEUS HUMANOS DIZEM E QUE ELA DEVEJA QUE DEJA LEI UNIVERSAL - LEI NATURAL.

4. ESTE ARGUMENTO DE BATMAN PARECE COM A FILOSOFIA DE KANT DA DO PRINCÍPIO QUEMOS KANT.

5. PARA ARISTÓTELES OS SERES HUMANOS PODEM TORNAR SE BOA E VIRTUOSO ATRUÉS DA PRÁTICA DA VIRTUDE, DESENVOLVENDO DE ALGUM MODO A APEREÇIMTO, POIS NÃO BASTA DIZER O QUE É VIRTUDE.

Marta Lopes.

2 são de resposta obrigatória e das demais escolha 3 para responder.

Imperativo Categórico? Explique e cite um exemplo.

Se no que vimos e discutimos em aula sobre o filme “O Clube do Imperador” com o comportamento do professor em relação à Ética, podemos considerar o professor um ser virtuoso? Justifique. Se não, como ele poderá vir a ser virtuoso?

Para Kant, realizar uma ação de acordo com o Imperativo Categórico basta para ela ser boa? Por quê?

Batman) argumenta que ele adere a um princípio de não matar que “não permite exceções”, isso parece muito com que filosofia e de qual filósofo?

Segundo os filósofos estoicos, como os seres humanos podem se tornar bons e virtuosos?

As leis ou regras jurídicas posso me considerar uma pessoa moral?

Os códigos de ética, como por exemplo os dos médicos, dos advogados, dos professores, etc?

O Imperativo Categórico é uma formulação que nos dita tratar as pessoas como fins em si e não como meios. Realizar uma ação não basta para ela ser boa, precisamos realizar uma ação para nos vangloriar-mos e ela não é boa porque não é realizada por um motivo Categórico. pois sua finalidade deve ser o bem em si mesmo.

Como ser humano ele é passível de erros e falhas, e por isso antiético em determinadas situações. Mas não podemos afirmar que ele seja uma pessoa sem virtudes. Para realizar uma boa ação ela deve ter 3 motivos

eni Teresinha Lopes

e 2 são de resposta obrigatória e das demais escolha 3 para responder.

é Imperativo Categórico? Explique e cite um exemplo.

base no que vimos e discutimos em aula sobre o filme “O Clube do Imperador” com o comportamento do professor em relação à Ética, podemos considerar o professor um ser virtuoso? Justifique. Se não, como ele poderá vir a ser virtuoso?

do Kant, realizar uma ação de acordo com o Imperativo Categórico basta para ela ser virtuosa? Não, porque a essência da ação deve ser feita também pelos motivos certos. (Batman) argumenta que ele adere a um princípio de não matar que “não permite exceções”, isso parece muito com que filosofia e de qual filósofo?

segundo Aristóteles, como os seres humanos podem se tornar bons e virtuosos?

segundo as leis ou regras jurídicas posso me considerar uma pessoa moral?

sim, posso. X

os códigos de ética, como por exemplo os dos médicos, dos advogados, dos engenheiros, etc?

de toda pessoa de agir conforme os princípios morais, quer que todos os seres humanos sigam e que ela que seja uma lei da natureza humana (lei universal). Para ser boa, a ação deve ser feita pelos motivos certos.

para ser virtuoso colocando em prática o que aprendeu as virtudes. A educação para o bem vem pela prática e repetição. Princípios éticos.

se tornam bons e virtuosos pela prática e pela educação da mesma forma que aprendem as artes e as ciências.

SERGIO BUENO VAZ

As 1 e 2 são de resposta obrigatória e das demais escolha 3 para responder.

Que é Imperativo Categórico? Explique e cite um exemplo.

Na base no que vimos e discutimos em aula sobre o filme "O Clube do Imperador" com relação ao comportamento do professor em relação à Ética, podemos considerar o professor um ser virtuoso? Justifique. Se não, como ele poderá vir a ser virtuoso?

Segundo Kant, realizar uma ação de acordo com o Imperativo Categórico basta para ela ser boa? Porquê?

Batman argumenta que ele adere a um princípio de não matar que "não permite exceções", isso parece muito com que filosofia e de qual filósofo?

Segundo Aristóteles, como os seres humanos podem se tornar bons e virtuosos?

Segundo as leis ou regras jurídicas posso me considerar uma pessoa moral? Não somente. Falar mal de um colega não é ético, mas pode ser imoral.

Que são códigos de ética, como por exemplo os dos médicos, dos advogados, dos psicólogos, etc? É um conjunto de regras que se aplica a um grupo. cujo determina qual o comportamento ter em aspectos de sua profissão. uma força com a qual já nos vemos ou que nos foi inculcada e que nos impede a agir de determinada maneira. Ex: Não temos vontade de nomear nossos pais.

Como pode vir a ser virtuoso responsabilizando certas condutas e dando a forma de agir de modo a demonstrar verdadeira preocupação com o bem de todos os alunos.